

JÉBUS DIAS

**HEROÍNA FRACASSADA E MULHER COMPLEXA:
ANÁLISE DA PERSONAGEM JESSICA JONES NO
SERIADO DA NETFLIX**

Viçosa-MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo UFV
2016

JÉBUS DIAS

**HEROÍNA FRACASSADA E MULHER COMPLEXA:
ANÁLISE DA PERSONAGEM JESSICA JONES NO
SERIADO DA NETFLIX**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ricardo Duarte

Viçosa-MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo UFV
2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Heroína fracassada e Mulher complexa: Análise da personagem Jessica Jones no seriado da Netflix* de autoria do estudante Jésus Henrique Dias Nicácio, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ricardo Duarte – Doutor em Comunicação pela UFMG /Orientador e Professor de Departamento do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Rennan Mafra – Doutor em Comunicação pela UFMG e Professor de Departamento do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Ana Paula Lopes – Jornalista e Mestranda da Pós-Graduação em Linguística - Estudos Discursivo - Curso de Letras da UFV

Viçosa, 17 de Novembro de 2016

Agradecimentos

Para começar agradeço primeiramente a Deus, pois foi Ele que sempre me guiou e me deu forças para caminhar essa trajetória em todos os dias de minha vida.

Em segundo e o mais importante, agradeço a meus pais Mônica Aparecida Dias Nicácio e Jésus Antônio Nicácio, pois eles sempre me apoiaram nessa longa caminhada; Me protegendo, me guiando e me ajudando em todos os momentos. Além, é claro, de sempre confiarem em mim e nos meus sonhos, abdicando muitas vezes de fazerem algo por eles, para me ajudar. Sei que se não fosse por eles, eu não estaria hoje aqui.

Também agradeço aos meus amigos do grupo do WhatsApp, carinhosamente apelidados de “Gordos Tarados”, pois foi o companheirismo e as longas conversas, que sempre me animavam a continuar.

Agradeço a Tamires Arsênio, Sara Brunelli, Paula Fernandes e Vanessa Castro que entre várias conversas me apresentaram um pouco do universo “girl power”, me possibilitando assim, o conhecimento e a construção da minha escolha de tema para a monografia.

Não podia deixar de agradecer a meu orientador, professor e amigo Ricardo Duarte, pois, se não fosse sua calma, paciência e dedicação, esse trabalho e toda a minha trajetória na pesquisa não teria sido construída. Foi através de seus ensinamentos que pude construir e descobrir meu interesse por essa área.

Agradeço também, a Jessica Alana, Ana Luísa Costa, Ana Paula Lucas que sempre estiveram ao meu lado. A Philipe Sek um agradecimento especial, pela disposição de ler e principalmente de dar a sua opinião, mesmo que as vezes, ficasse enfadonho e cansativo.

Aos meus dois melhores amigos, Viviane Marina e Matheus Sant’Anna, que estiveram presentes fisicamente ou através das redes sociais e que aguentaram todos os meus ataques de desespero e medo, sempre me dando força e me motivando a seguir em frente.

A minha amiga Marina Wan der Maas, que apareceu esse ano em minha vida, mas que fez dela muito mais feliz. Acima disso, me ensinou a acreditar em mim mesmo e a não desistir de um estudo, de uma pesquisa, mesmo que todos dissessem que não valeria a pena ser estudado.

Também a Sara Ellen e a Karol Rodrigues que me deram força, principalmente após a primeira revisão da monografia, quando pensei que não daria conta elas estiveram ao meu lado me dando força e não deixando que eu desanimasse.

Por fim, agradeço a todos que colaboraram de alguma forma para a construção desse trabalho e de toda a minha trajetória no curso de Comunicação Social-Jornalismo, pois, se estou aqui hoje, realizando esse sonho, tudo é graças a vocês. E hoje posso dizer com todas as letras, “sonhos se tornam realidade”, a todos vocês o meu muito obrigado.

“Tudo que existe ou existiu começou como um sonho. ” (As Aventuras de Sharkboy e LavaGirl)

"A pior violência, a mais imperdoável de todas, é aquela que praticamos contra nós mesmos, quando temos medo de ser quem realmente somos." (Nomi- Sense 8)

RESUMO:

As séries e os seriados, estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, além do entretenimento, elas, abordam temas que se correlacionam com o que está acontecendo na sociedade, fazendo assim, que fiquem mais interessantes e significativas para serem estudadas. Em alguns casos, fornecem alguns personagens específicos, pois, eles conseguem transparecer alguns empregos de conceitos midiáticos. Por isso, este trabalho consiste na construção de um estudo sobre a elaboração da representação da personagem Jessica Jones, na primeira temporada da série Marvel's Jessica Jones. Jones é construída em uma época onde o debate sobre o empoderamento feminino está tendo uma grande reverberação, e sua construção, remete-se ao que está sendo discutido no âmbito social. O estudo visa analisar como a personagem, consegue interpretar e construir, o conceito midiático Girl Power, em suas semelhanças e diferenças, como sua atuação e caracterização, pode caracterizar esse conceito durante os 13 episódios que constituem a primeira temporada da série de televisão.

PALAVRA CHAVE: FICÇÃO SERIADA; NARRATIVAS MIDIÁTICAS; CULTURA POP; JESSICA JONES; GIRL POWER

ABSTRACT:

Series and sitcoms are more and more present in our daily life. Besides entertainment, it covers themes that can be correlated to what is happening in the society and, by doing so, it becomes more interesting and significant of being studied. In some cases, it brings up specific characters who can portray some of the media concepts and, based on this idea, this article will focus on the construction and representation of the character Jessica Jones, from the first season of "Marvel's Jessica Jones". Jones has been created in a time when debate about female empowerment is having a huge repercussion, and its creation reflects what is being widely discussed in the social sphere. This study case will analyze how the character creates and plays the media concept "Girl Power", its similarities and differences. More than that, it will be analyzed how the actress's performance and characterization represent this concept over the 13 episodes of the season

KEY-WORDS: FICTION SERIAL; NARRATIVES MEDIA; POP CULTURE; JESSICA JONES; GIRL POWER.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1- JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	12
1.1. Representação Midiática Feminina	15
1.2. Breve descrição sobre o conceito de Narrativas.....	18
1.3. Narrativas ficcionais- Séries e Seriados.....	20
CAPÍTULO 2- REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1. O começo do conceito <i>Girl Power</i> , o movimento <i>Riot Grrrls</i>	28
2.2. Termo Midiático- <i>Girl Power</i>	30
CAPÍTULO 3- ANÁLISE DA PERSONAGEM JESSICA JONES	35
3.1. O seriado “Marvel’s Jessica Jones”	35
3.2. A personagem Jessica Jones	40
CAPÍTULO 4- METODOLOGIA E ANÁLISE	44
4.1. Análise de Categorias	44
4.2. Categorias para Análise de Conteúdo da personagem Jessica Jones.....	45
4.2.1. Quadro de análise dos episódios	45
4.2.2. Sinopses e Caracterização da Personagem	53
4.2.2.1. Relação Jessica e Luke	58
4.2.2.2. Relação Jessica e Kilgrave	60
4.2.2.3. Atitudes no Trabalho	62
4.2.2.4. Independência de fala.....	66
4.3. Análise da construção da representação da Jessica Jones no contexto midiático <i>Girl Power</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	74
Anexo 1- Super Nerd - Jessica Jones, o ícone da mulher real nas HQs.....	74
Anexo 2- Carta Capital- Jessica Jones e a possibilidade de se enxergar em uma heroína .	77
Anexo 3- Jéssica Jones tem potencial para ser a melhor série do Netflix	81

FIGURAS

Figura-01	Grupo Musical Spice Girls, primeiro grupo a difundir o <i>Girl Power</i>	31
Figura-02	Representação do <i>Girl Power</i> em Jogos Vorazes	32
Figura-03	Representação do <i>Girl Power</i> em Harry Potter	32
Figura-04	Cantora Anitta que também dissemina o termo <i>Girl Power</i>	33
Figura-05	Pôster do Seriado	35
Figura-06	Imagem e sinopse no site da Netflix	36
Figura-07	Kilgrave no seriado Marvel's Jessica Jones	39
Figura-08	Jessica Jones em uma de suas aparições	40
Figura-09	Imagem retratando a voz do Kilgrave, que assombra Jessica	42
Figura-10	Foto retirada por Jessica, logo no início da temporada	53
Figura-11	Jessica, em sua aparição, trajando roupas simples	54
Figura-12	Jessica se fere	55
Figura-13	Jessica deita para se recuperar	55
Figura-14	Nessa figura vemos Jessica bebendo	56
Figura-15	Vulto de Kilgrave	57
Figura-16	Jessica quebra o vidro	57
Figura-17	Luke e Jessica se encontram pela primeira vez	58
Figura-18	Depois da primeira conversa, Luke e Jessica, ficam juntos	59
Figura-19	Jessica deixa transparecer seus sentimentos	60
Figura-20	Jessica conta que foi estuprada	61
Figura-21	Jessica se vê em diversas imagens	62
Figura-22	Cliente sendo jogado pela janela	63
Figura-23	Pais de Hope a procuram	64
Figura-24	Retorno de Luke a série	64
Figura-25	Jessica e a relação intensa com sua chefe	65
Figura-26	Jessica levanta um carro	65
Figura-27	Jessica não controla o que fala	66
Figura-28	Jessica tem medo de encontrar Kilgrave	68

INTRODUÇÃO

Ao estudar uma personagem de uma narrativa midiática, deparamos como ela pode ser construída em uma sociedade contemporânea. Aos poucos, é perceptível como esta personagem se assemelha e diferencia com a sociedade em que vivemos. Trazendo pontos que mostram como a construção da protagonista em questão (Jessica Jones), ajuda a desconstruir conceitos midiáticos empregados. Além disso, como se assemelha a diversas concepções de mulheres, não apenas de uma.

No primeiro capítulo será abordado a Importância Social do trabalho, trazendo dados que comprovam a violência que as mulheres sofrem, além da explicação da elaboração da Lei Maria da Penha. Também é explicitado como um seriado pode se assemelhar à realidade, devido às formas de agressão que a personagem fictícia sofre ao decorrer das lembranças que aparecem na trama, principalmente a agressão psicológica.

Esse contexto de agressão e aprovação da Lei Maria da Penha, se correlacionam com o seriado e com perspectiva do país (Brasil), pois os índices de violência feminina são altos, dados que como supracitado, serão abordados no primeiro tópico do capítulo 1.

Ainda são abordados conceitos de representações midiáticas femininas, como ocorrem essas representações, como começaram a ser desenvolvidas pela mídia, elaboradas pelas vertentes da comunicação, nesse caso, através de publicidade em um seriado, focando no fato de se estudar a personagem, pois ela ajuda a discutir questões ligadas à violência física e psicológica.

Por fim, no primeiro capítulo, é estudado o conceito de narrativas, pois dessa forma se consegue entender o que são seriados, séries e, assim, entendendo-se como essas produções midiáticas estão cada vez mais presentes em rodas de conversas, e como elas acabam tratando de uma aproximação com a realidade. Tratando de problemas que acontecem na vida social e levando para uma narrativa ficcional. Sendo que o seriado Marvel's Jessica Jones foi o pano de fundo para o estudo da personagem.

O capítulo dois é estudado o termo empoderamento, mais voltado para o feminino, onde é observado o início do termo e como era utilizado, além disso, aborda-se o início do conceito *Girl Power*, levando ao estudo do movimento *Riot Grrrls*. Por fim, é dissertado sobre o termo midiático *Girl Power*, mostrando como foi difundido na mídia, se apropriando de alguns termos do movimento e mudando-se em outras concepções. Este estudo dos conceitos, permite uma elaboração para analisar como a personagem Jones, se encaixa ou não se encaixa nesses conceitos.

O capítulo três é abordado o seriado, como ele ocorre, quem o produziu. Também é estudado a personagem, discorrendo sobre quem Jessica realmente é, suas características, sua personalidade.

O último capítulo é a metodologia e a análise, onde é apresentado qual método foi escolhido e utilizado para a realização da pesquisa, ademais, é apresentado as categorias escolhidas para a realização do trabalho. Após a metodologia, temos a análise propriamente dita, que se desenvolveu a partir de leituras, conversas com o orientador, teóricos e ao ato de assistir diversas vezes ao seriado. Dessa forma, elencando quais categorias seriam usadas para a realização do estudo e como esses grupos se assemelhariam ou se diferenciariam dos conceitos dissertados no capítulo 1 e 2.

Após a análise, chega-se a conclusão do trabalho, trazendo os resultados e as considerações finais do estudo.

CAPÍTULO 1- JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A posição da mulher no cenário social veio se alterando no decorrer dos anos. Antes da Constituição de 1988, a mulher não era considerada em igualdade sócio cultural para com os homens e, de acordo com o antigo Código Civil, a mulher era tutelada pelo marido. Segundo Luiz (2013, p.11), “ ela tinha o dever de oferecer serviços sexuais ao seu esposo, mesmo a contragosto, o que hoje, obviamente se configura como estupro”.

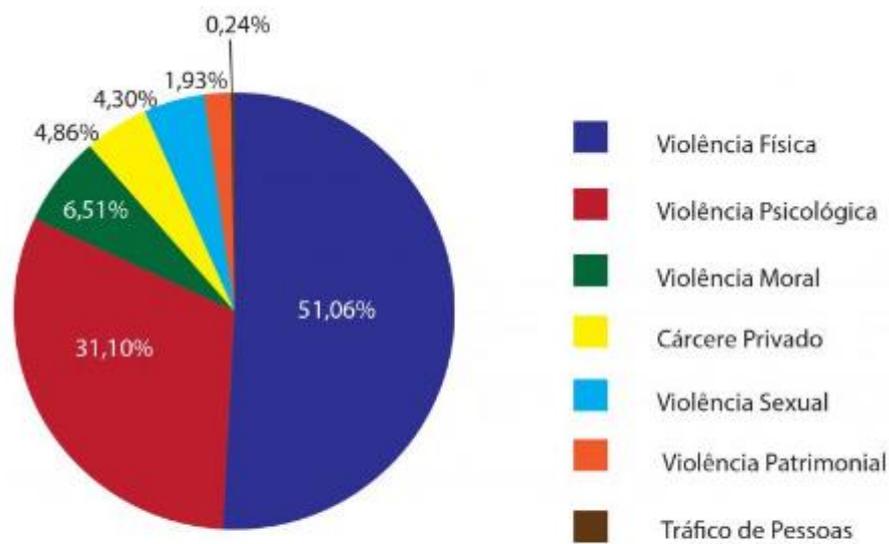
Com a mudança na Constituição de 1988, a mulher tem seu direito de igualdade estabelecido pela lei, apesar disto, até hoje existem casos de violência contra as mulheres, seja no cenário privado, em sua vida pessoal, seja em sua vida pública.

No âmbito pessoal, quando se trata de violência doméstica, foi criada a Lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que foi promulgada em 2006 e tem como objetivo proteger as mulheres, de qualquer agressão por parte do seu cônjuge.¹

Os dados encontrados no *site* “Compromisso e atitude Lei Maria da Penha” mostram que três em cada cinco mulheres já sofreram algum tipo de violência em seus relacionamentos. Além disso, 56% dos homens, admitem que já cometeram algum tipo de agressão verbal ou física às suas parceiras. Em outra pesquisa, realizada pelo mesmo *site*, um gráfico deixa claro que a violência psicológica chega 31,10% (Gráfico1)² sendo a segunda maior, ficando atrás, apenas da agressão física, como mostra o gráfico abaixo (enfatizamos aqui a violência psicológica pois a personagem objeto deste estudo, Jessica Jones, sofre com mais intensidade ao longo da série esse tipo de violência praticada pelo vilão da história).

¹ A história da elaboração dessa lei foi devido ao caso da senhora Maria da Penha Maia Fernandes, uma farmacêutica brasileira que no ano de 1983 sofreu diversas agressões do seu marido, como tiro de espingarda que a deixou paraplégica e hospitalizada durante quatro meses. Após ela voltar para casa, seu marido tentou eletrocutá-la durante o banho. Depois desta outra agressão Maria pôde sair de casa, graças a uma ordem judicial. Depois de anos de processo seu marido foi condenado, e nesse tempo, Maria lançou um livro contando as agressões que sofreu pelo marido e alguns anos depois conseguiu contato com as organizações – Centro pela Justiça e Direito Internacional e o Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher- que levaram o caso a Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 1988. Em 2006, a lei foi aprovada. BLUME, Bruno. Tudo sobre a Lei Maria da Penha. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/tudo-sobre-a-lei-maria-da-penha/>> , acesso em: 26/ago/2016

² Compromisso de atitude. Dados e estatísticas sobre a Violência contra as mulheres. Disponível em<<http://www.compromissoeatitude.org.br/violencia-moral-e-psicologica/>> , acesso em : 26/ago/2016



Fonte: Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180/SPM

Ademais, em Viçosa interior de Minas Gerais, foi realizada uma pesquisa pela Casa das Mulheres, que colheu dados entre os anos de 2009 a 2013 e constatou que a maior opressão foi a psicológica, dando 1559 casos (Gráfico 2)³, sendo maior do que a agressão física. Vale ressaltar que estes, foram apenas os que foram notificados por suas vítimas.

Distribuição dos eventos de violência contra a mulher notificados no SINAN, segundo o tipo de violência, Viçosa-MG, 2009-2013.

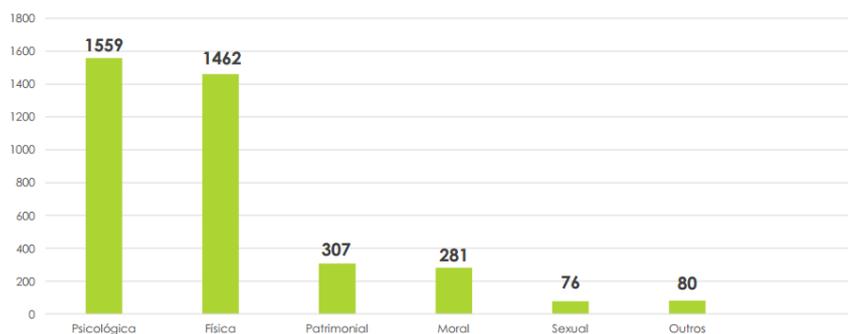


Gráfico que mostra o índice de violência em Viçosa-Mg

³ Casa das Mulheres. Gráfico disponível em: < <http://projetcasadasmulheres.blogspot.com.br/p/blog-page.html> >
Acessado em: 29/ago/2016

Como dissemos, esses dados que constituem um cenário social de violência psicológica contra a mulher mostram a importância do estudo de narrativas midiáticas que abordam, mesmo implicitamente, essa questão.

No caso de nossa pesquisa, a personagem Jessica Jones sofre com mais intensidade a violência psíquica, mas também pode ser identificada violência sexual e física contra ela. Mesmo que o seriado “Marvel’s Jessica Jones” seja uma narrativa ficcional, ele dialoga com a sociedade, pois a personagem sofre uma violência psicológica e física, do vilão da história, deixando um rastro de medo e angústia. Alguns *sites* como Super Nerd⁴, explicam que Jessica não seria uma heroína para todos compreenderem, mas sim para refletirem. A representação feminina, o cenário sombrio e a temática social atual sintetizam a essência da sociedade moderna.

As narrativas midiáticas ajudam a disseminar esse problema público, seja por meio de matérias jornalísticas, em revistas, em séries e seriados. De acordo com Luiz (2013, p 12), “a cultura de massas vem contribuindo para a emancipação feminina através, entre outras coisas, da difusão de estilos de vida e de comportamentos que priorizam os valores burgueses, quais sejam, o individualismo e uma maior igualdade entre as relações de gênero.”

Dessa forma, essas narrativas possuem uma grande influência na elaboração da representação midiática feminina, mas também quebras de tabus e estereótipos, como abordado na matéria do Super Nerd⁵ “ Jessica Jones, o ícone da mulher real nas HQs”, que afirma ser o seriado uma narrativa que faz o público pensar e refletir sobre o ideal de “mulher forte”, quebrando tabus e estereótipos.

O primeiro estereótipo que aparece, como forma de comparação com a personagem Jessica Jones, é a noção de *Girl Power*. Trata-se de um conceito disseminado pelas mídias como uma vertente que envolve poder feminino, espaço de fala, postulado que se derivou do movimento *Riot Grrrls* (que será abordado no próximo capítulo), principalmente como ocorre essa interação com a realidade, os meios de comunicação ajudam na difusão e também na construção de uma representação, que cada vez mais vem sendo mudada, tentando quebrar o paradigma de uma sociedade que ainda vê a mulher de uma forma submissa, mesmo que isso não seja de fato realidade.

⁴ Super Nerd, 04/11/2015- Jéssica Jones, o ícone da mulher real nas HQs. Disponível em: < <http://osupernerd.com.br/quadrinho/jessica-jones-o-icone-da-mulher-real-nas-hqs/> > acesso em : 26/ago/2016

⁵ Super Nerd, 04/11/2015- Jéssica Jones, o ícone da mulher real nas HQs. Disponível em: < <http://osupernerd.com.br/quadrinho/jessica-jones-o-icone-da-mulher-real-nas-hqs/> > acesso em : 26/ago/2016

1.1. Representação Midiática Feminina

Tudo é representação na mídia, contudo quando falamos da noção de “Representação”, abordamos um conceito amplo, segundo França (2003 p.18),

quando falamos em representação não falamos de algo claro, objetivo e identificável, mas, ao contrário de um fenômeno que, na sua dupla natureza (instauração de sentidos, inscrição material), sofre permanentes alterações tanto na sua dimensão simbólica quanto nas suas formas concretas de manifestação (aparição sensível).

O conceito “Representação” para Soares (2007, *apud* COUTINHO; QUARTEIRO, 2009, p.02-03), “o conceito de representação vem do vocábulo latino *representationis* e significa ‘imagem ou reprodução de alguma coisa’, analógico, imitação de objetos, eventos processos e relações.” Portanto, a ideia de representação é extremamente rica para os estudos da comunicação, ajudando a interpretar o que acontece na construção de uma representação da mídia. Soares (2007, *apud* COUTINHO, QUARTEIRO, 2009, p.2-3), afirma que a representação “insere a perspectiva da simulação e da intencionalidade, capaz de atribuir ao meio televisual para metáfora que não a de ‘janela para o mundo’.”

Outro ponto importante, é que o conceito de “Representação” está ligado ao seu contexto histórico, como afirma França (2004, p.19, *apud* SOUZA 2015, p.21), “as representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade”. Senso assim, o conceito acaba sendo mutável.

Quando se estuda representações, elas podem ser tomadas como sinônimos de signos e imagens, como França (2004, p.14) explicita em seu estudo, “representações podem ser tomadas como sinônimo de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade.” Dessa forma, representar é uma maneira de transcender o que faz a existência em um outro modo de definir ou interpretar. Soares (2008), afirma que o termo representação deve ser tomado como um elemento comum e necessário, quando se estuda as atividades culturais. Ainda segundo Soares (2008, p.55),

representar é, assim, uma forma de transcendência, que faz a existência transcorrer num outro patamar, de definições, denominações, interpretações, julgamentos, próprios à condição humana. A representação, portanto, pode ser tomada como um elemento comum e necessário e como o termo genérico das atividades e realizações culturais, razão da utilização desse conceito em investigações e reflexões em uma variedade de contextos.

Por fim, de acordo com Moscovici (2003), as representações facilitam a comunicação entre os sujeitos, ainda de acordo com ele, “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza.” (MOSCOVICI, 2003, p. 40, *apud* BUGAD, 2013, p.44).

A facilidade de se construir e ao mesmo tempo tornar possível a comunicação entre as pessoas, permitiu que as Representações Midiáticas se tornassem modelos para exposição de determinados assuntos. Soares (2008, p.51), afirma que “as representações mediáticas são geralmente analisadas como modos de exposição de determinados assuntos ou pessoas que salientam algumas de suas características, ou mesmo acrescentam a eles ou subtraem deles certos atributos.” Dessa maneira, trazem ao conhecimento das pessoas o que está sendo deixado de lado, e tentam promover uma discussão sobre o assunto. Segundo Rose (2008, p. 356, *apud*, PEREIRA,2014, p.56), “as representações da mídia são mais que discursos. Elas são um amálgama complexo de texto, escrito ou falado, imagens visuais, e as várias técnicas para modular e sequenciar a fala, as fotografias e a localização de ambas”.

As representações midiáticas se enquadram e agem de forma distintas nos três grandes gêneros da cultura de massa, de acordo com Soares (2008, p.52), “esses três grandes gêneros são: a ficção, a persuasão (publicidade comercial, propaganda política) e a informação (jornalismo).” Dessa forma, a representação como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, ajudando a construir e fomentar as questões. Para Woodward (2009, *apud* JUNIOR, 2013p.34 e 35),

a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Sendo que as representações midiáticas, como citado, se dividem em três grandes pólos e ajudam a compreender e trazer assuntos que tratam das minorias e precisam ser debatidos, uma dessas questões é a Representação Midiática Feminina. Segundo Soares (2008, p.53), “as imagens da mulher na publicidade, por exemplo, são, via de regra, desviantes, comparadas a padrões populacionais regulares, sendo, no entanto, apresentadas pelos meios como se correspondessem a biótipos estatisticamente frequentes”

Não apenas nas propagandas publicitárias, a luta das mulheres, pela independência e para serem vistas como iguais, acontece há muitos anos, o que levou a ser tratado na mídia e nas formas de culturas de mídia como, por exemplo, em filmes, séries e novelas. Segundo Souza (2015), para ocorrer a representação, nesse caso, a das mulheres, precisa haver uma troca de pensamentos, sendo eles pessoais e coletivos, assim ajudando a descrever e narrar o mundo.

A representação nasce da troca de pensamentos pessoais e coletivos. Apresenta-se como uma maneira de narrar e descrever o mundo, e a linguagem tem papel importante, assim como a imagem, na construção do que é representado. Por meio da linguagem, da fala, da comunicação oral e escrita, dos meios de comunicação, da herança histórica e cultural da sociedade entre outros, ela é concebida socialmente e é ao mesmo tempo dinâmica e móvel. (SOUZA, 2015, p.21)

As representações midiáticas femininas se tornam mais intensas nas mídias eletrônicas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Isso fica evidenciado nas produções midiáticas, uma delas, a série de TV *Buffy a Caça-Vampiros*⁶. Cassel e Jenkins (1998 *apud* BEZERRA, RIBAS, 2014, p.10), afirmam que “à medida que as mulheres ganham o controle sobre os meios de produção cultural e tecnológico, elas têm que lutar para buscar formas de como traduzir seus ideais em práticas materiais.”

Outro seriado em que ficou evidenciada a representação da mídia feminina, foi o *Girls*⁷. Segundo Teixeira (2008, *apud* XAVIER, SOARES, 2013, p.02), “as representações femininas na mídia sempre chamaram a atenção de estudiosos. Ao observamos as dinâmicas desses meios, podemos reconhecer que a obra ficcional alimenta-se do mundo real, no qual atua, refletindo-o e interpenetrando-o e, assim, influenciando ideias.”

Essa representação feminina, quando olhamos para o universo dos produtos midiático, estão cada vez mais presentes, isso foi possível também por causa do desenvolvimento tecnológico, que permitiu assim, um debate e uma maior exposição do que está acontecendo na sociedade. Sendo levado dessa forma a ser discutido na esfera pública e no espaço público. Segundo Hannah Arendt (1981, p,275, *apud* TELLES p.5),

⁶ Buffy the Vampire Slayer (*Buffy, a Caça-Vampiros*, no Brasil, e *Buffy - Caçadora de Vampiros*, em Portugal) foi uma série de televisão estadunidense criada por Joss Whedon de fantasia urbana e fantasia sombria, muito aclamada pela crítica e considerada uma série cult. Foi criada em 1997 por Joss Whedon, o seu argumentista e director, com a sua *Mutant Enemy Productions* e com os posteriores co-produtores executivos sendo Jane Espenson, David Fury, e Marti Noxon Descrição tirada do site wikipédia, disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Buffy_the_Vampire_Slayer >. Acesso no dia 07/ago/2016

⁷ *Girls* é uma série da HBO. Criado e estrelado por Lena Dunham, o espetáculo é um olhar cômico às humilhações sortidas e triunfos raros de um grupo de garotas em seus 20 anos vivendo na cidade de Nova Iorque. Disponível em:< [https://pt.wikipedia.org/wiki/Girls_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Girls_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))>. Descrição tirada do site wikipédia, acesso no dia 07/ago/2016

o espaço público constrói um mundo comum entre os homens, este mundo tem que ser pensado não apenas como aquilo que é comum, mas como aquilo que é comunicável e que, portanto se diferencia das experiências estritamente subjetivas e pessoais que podem ter validade na dimensão privada da vida social.

Com o avanço do espaço público o feminismo ganhou mais ênfase e mais destaque na representação midiática sendo debatido em programas, filmes e séries de TV. De acordo com Xavier, Soares (2013), é possível observar a atuação de grupos de conscientização sobre a representatividade e assuntos ligados ao feminismo.

O feminismo ganhou ênfase e, se nos basearmos nas produções audiovisuais, é possível observarmos em filmes e programas de TV a influência da atuação de grupos de conscientização, de estudos sobre o tema e de debates acerca do contexto da época. Isso tudo através da abordagem de tópicos como o estupro, o direito ao aborto, a violência doméstica, a educação infantil, o ingresso no mercado de trabalho, entre outros. (XAVIER, SOARES, 2013, p.05)

Desse modo, trazendo para os meios midiáticos, essa representação ajuda a compreender e informar, por meio do entretenimento, o que antes era deixado de lado, mas que agora ao falarmos de “representação” e “narrativas”, segundo Souza (2015), possuímos uma abordagem comunicacional, que permite dialogar e ajudar a difundir um contexto que acontece de época para época.

Quando falamos em “representação” e “narrativas da comunicação” temos, a partir de uma abordagem comunicacional, um recorte da realidade apresentada pelo autor em forma de ficção e que tenta, em alguns momentos, dialogar com o contexto da época, atravessando a própria época e alcançando os dias atuais. (SOUZA, 2015, p.20)

E considerando a época atual, as questões relacionadas as representações midiáticas femininas estão sendo debatidas e reverberadas, principalmente com o surgimento do termo midiático *Girl Power*, que surgiu do movimento social *Riot Grrrls* e se propagou nos anos 1990.

1.2. Breve descrição sobre o conceito de Narrativas

O conceito de narrativas é considerado amplo. Se olharmos no dicionário Aurélio seu verbete diz que, a narrativa é o ato de narrar, uma história contada por alguém, que geralmente é em prosa, que retrata um fato ou um conjunto de fatos. Além disso, pode ser definido segundo o Aurélio como “Obra literária, geralmente em prosa, em que se relata um acontecimento ou

um conjunto de acontecimentos, reais ou imaginários, com intervenção de uma ou mais personagens num espaço e num tempo determinados”⁸

Já de acordo com Motta (2005), em seu estudo sobre a Pragmática da narrativa jornalística, ele conceitua a teoria da narratologia, como a da narrativa, e explica o que ela abarca e como funcionam seus métodos e procedimentos.

A narratologia é a teoria da narrativa. Abarca também os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. É, portanto, um campo e um método de análise das práticas culturais. Como a concebemos aqui, a narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. Dedicar-se ao estudo das relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias) ou ficcionais (contos, filmes, telenovelas, videoclipes, histórias em quadrinho). Procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da apreensão, compreensão e expressão narrativa da realidade. (MOTTA, 2015, p.2)

Ainda segundo Motta (2005, p.3), “a realidade recriada adquire então nova estrutura, clímax e desfechos de histórias que se encaixam em uma narrativa inédita e completa.” Além disso, deixa claro, que as narrativas são formas que se estabelecem através da cultura e da convivência diária entre os interessados. “As narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder.” (MOTTA, 2005, p.3)

As narrativas podem estar empregadas em áreas distintas, mas seu sucesso está ligado inteiramente ao seu discurso narrativo, como explicita Culler, “o prazer da narrativa está ligado ao desejo. Tramas falam do desejo e o que recai sobre ele, mas o movimento da narrativa em si é levado pelo desejo em forma de ‘epistemofilia’, um desejo de conhecer; nós queremos descobrir segredos, saber o final, encontrar a verdade.” (CULLER, 2009, p. 126).

O desejo de conhecer o mundo como Culler explicita em seu trabalho, está ligado à ideia de conhecimento objetivo e subjetivo do mundo, como afirma Motta (2005, p.01),

a narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo.

⁸ C.f. Disponível em:< <https://dicionariodoaurelio.com/narrativa>> .Definição dicionário Aurélio, acesso no dia 11/ago/2016

Além disso, segundo Peñuela (2007), a narrativa também é um código que se ordena de acordo de três níveis, que se correlacionam com a definição dada pelo dicionário Aurélio, verbetes explicados anteriormente.

(...) A narrativa é um código e se ordena segundo as regras de três níveis: o da fábula, o das personagens e o da maneira de contar. Portanto, ancorado nesse molde, tenho para mim, na esteira dos estudos de narratologia, que a narração constitui a instância em que o narrador, enquanto sujeito manipulador, têm mais possibilidades de desenvolver sua imaginação criativa. Disso se tem prova quando o leitor centra seu interesse não exclusivamente nas peripécias ou no desempenho dos atores, mas também na maneira de arranjar esses elementos (...) (PEÑUELA 2007).

Dentro do conceito de narrativas, pode-se destacar a construção das narrativas midiáticas ficcionais, ou de uma forma mais simples, as séries e os seriados da televisão, que são um modo das narrativas trazerem como já mencionado, personagens para assim se contar uma história que muitas vezes, além de entreter e levar uma forma de se distrair se correlacionam com a realidade.

1.3. Narrativas ficcionais- Séries e Seriados

Os seriados surgiram em 1913. Nessa época as salas de cinema eram conhecidas como *nickodeons*- eram pequenas, com bancos sem encosto. Segundo Moreira (2007), isso gerou o incômodo ao espectador, o que levou a produção de filmes por partes.

Quando o seriado passou a ser exibido pela televisão, sua produção tomou formas diferentes do cinema, pois, qualquer coisa poderia tirar a atenção do telespectador, com isso, as produções passam a ser estruturadas de maneira fragmentada, para segurar o público.

A produção seriada tomará formas diferentes do cinema por se tratar de uma estrutura apresentada a um espectador no seu espaço doméstico, sentado em sua sala diante de uma tela menor, sujeito a desvios de sua atenção por razões diversas: alguém ao lado comenta algo, o telefone toca, levanta-se para pegar algum objeto, por exemplo. Sendo assim, quanto mais o produto televisivo apresentar painéis fragmentários e híbridos, obterá melhores resultados. (MOREIRA, 2007, p.8)

A partir dos anos 1980, os seriados americanos começaram a ter algo diferente em relações aos anos anteriores, isso aconteceu por causa da aproximação de assuntos do interesse coletivo e de histórias mais complexas, que forçam o espectador a ficar mais ligado ao enredo.

Carlos (2006, *apud* SACCOMORI, 2015), afirma que a complexidade é provavelmente o que levou as pessoas a acompanharem toda semana a um novo episódio.

Contudo, o seriado que conhecemos, começou de fato com a produção do seriado *Dallas*⁹, que construiu uma série que envolvia uma maior identificação com os personagens, além disso, uma aproximação com a realidade. Segundo Moreira (2007), esse pertencimento ao se identificar com um personagem leva ao aumento da audiência do seriado, pois a pessoa acaba se vendo no espetáculo televisivo.

O prazer da identificação do indivíduo com o que se vê é desenvolvido por Ien Ang, em seu trabalho sobre *a telenovela Dallas* (Ang, 1989) onde defende a importância de se analisar este fator quando se faz a análise das audiências. A interação do sujeito com o referente televisivo está relacionada à própria competência televisiva de mantê-lo atento àquele espetáculo. (MOREIRA, 2007, p.05)

Essa definição e identificação com o produto midiático, leva ao público que acompanha (seus fãs), a assistirem ao seriado como já citado e o conceito de audiência ativa está ligado a eles. Segundo Jenkins (*apud* TOLEDO, et al. 2013) deixa claro que os fãs são de certa forma centrais para a cultura das séries e que com o avanço das tecnologias eles podem arquivar, anotar o que acontece durante a exibição. Ainda de acordo com eles, “Poderosas instituições e práticas (lei, religião, educação, propaganda e política, entre elas) estão sendo redefinidas por um crescente reconhecimento do que está sendo adquirido com a promoção — ou ao menos a tolerância — de culturas participativas (JENKINS, 2006, p. 1 *apud* TOLEDO, et al. 2013 p.2)

Com isso, podemos perceber que o seriado se correlaciona com as relações do cotidiano, dessa forma, atrai uma maior identificação de grupos. Soares (2015), afirma que os seriados ajudam a criar produtos de identidades de grupos.

Percebemos que a narrativa (seriada, neste caso) da TV se imbrica com as relações cotidianas dos indivíduos, deforma que bebe da realidade para criar seus produtos e representar as identidades de grupos, e também ajuda a modificar comportamentos sociais, manifestando tendências ou mesmo alterando e criando novos padrões. (SOARES, 2015 p.135)

Portanto os seriados são como forma de produtos culturais. Para Fernandes (2015, p.12), esses produtos culturais “exercem influência direta na vida de seus consumidores. Os fãs

⁹ Dallas é uma longa série de televisão norte-americana /estadunidense de horário nobre que foi exibida originalmente entre 2 de abril de 1978 a 3 de maio de 1991, pela estação televisiva norte-americana (CBS). Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Dallas_\(teless%C3%A9rie\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dallas_(teless%C3%A9rie)) >, acessado em: 27/ago/2016

absorvem conselhos e ensinamentos mostrados no programa e acabam por espelhar suas experiências pessoais no que acontece na série.”

Vilches (1984, p.57-70, *apud* MOREIRA, 2007, p.08), define a serialização como um conjunto de sequências sintagmáticas baseadas na alternância desigual: cada novo episódio reproduz um conjunto de elementos já estabelecidos e que, portanto, já fazem parte do repertório do receptor, ao mesmo tempo em que introduz algumas variantes incluindo elementos novos.

Para o cineasta e professor da *Escola de Comunicação e Artes de São Paulo (USP)*, Roberto Moreira, “em sua forma, o seriado americano atingiu seu momento clássico, além de ter alcançado um patamar inédito de ousadia e de imaginação narrativa exuberante” (STARLING, 2006, pp. 44-51 *apud* MOREIRA, 2007, p.09).

A serialização está substituindo a cinefilia, embora dela se aproprie de alguns de seus traços. Jost (2011, p.24, *apud* FERNANDES, 2014 p.03) afirma que alguns traços foram apropriados como: “o conhecimento precioso das intrigas, das temporadas, dos comediantes, de suas carreiras, dos autores, de suas trajetórias e dos acasos e percalços da realização de seus projetos, das datas de difusão”.

Para Santos (2015, p.10), “as séries de televisão são programas que fazem parte de uma classificação de narrativa seriada na qual se inserem, também, os folhetins como novelas e minisséries. Trata-se de um tipo específico de narrativa surgida no cinema, em meados de 1913, e absorvido pela televisão posteriormente”. O que levou a essa absorção, além da proximidade com a realidade, foi o esforço cognitivo que é exercido pelo espectador para acompanhar e esperar a conclusão de uma história que se iniciou em um episódio anterior, ou muitas vezes, no início da temporada. Johnson (2012, p.54-55 *apud* SACCOMORI, 2015 p.60-62), explicita que a questão da complexidade é o esforço feito para não se desgrudar da trama.

Johnson tenta dissecar a questão da complexidade afirmando que o esforço cognitivo feito pelo espectador para tentar acompanhar o que está sendo mostrado na tela é o principal motivo pelo qual é impossível “desgrudar” de uma trama com múltiplas camadas. Algumas narrativas obrigam o espectador a fazer algum esforço para compreendê-las, enquanto outras simplesmente permitem que ele se acomode na poltrona e se desligue. Parte desse esforço cognitivo decorre da necessidade de acompanhar diversos fios narrativos, de distinguir claramente enredos que muitas vezes formam tramas densamente entrelaçadas. (JOHNSON, 2012, p.54-55, *apud* SACCOMORI, 2015, p.60-62)

O seriado é um produto audiovisual baseado em uma série de história, ao longo dos anos veio se transformando aos poucos para chegar ao que assistimos nos dias de hoje, como já explicado. Porém, o que ainda está sendo estudado é a diferenciação dos termos “Séries” para

“Seriados”, para Gerbase (2014), esses dois conceitos podem ser diferenciados. O seriado é definido para ele como:

um produto audiovisual baseado em uma história longa, que é contada ao longo de vários episódios que se sucedem em ordem pré-estabelecida. É praticamente impossível acompanhar a narrativa se o espectador não estiver presente desde o primeiro episódio. Seria como entrar num filme de longa-metragem tradicional depois de meia-hora de projeção. Alguns exemplos de seriados bem-sucedidos: *Twin Peaks*, *Homeland*, *Breaking Bad*, *House of Cards*, *Mad Men* e *Downton Abbey*. (GERBASE, 2014, p.41 e 42)

Já o conceito de série é definido e constituído para Gerbase (2014) como:

por pequenas histórias com começo, meio e fim, vividas por um grupo de personagens fixos, normalmente compartilhando um mesmo espaço de atuação (um edifício, uma cidade, um escritório). O espectador pode acompanhar qualquer episódio, em qualquer ordem, embora, é claro, o objetivo seja torná-lo fiel à série como um todo. As séries também são divididas em temporadas. Alguns exemplos de séries bem sucedidas: *Friends*, *Sex & The City*, *Offie* e *The Big-Bang Theory*. Esses títulos de séries e seriados, pinçados entre centenas de obras lançadas, atendem a dois critérios: são, inegavelmente, bastante conhecidas, e foram integralmente assistidas pelo autor deste ensaio. A partir desse ponto, falaremos apenas de seriados. (GERBASE, 2014, p.41 e 42)

Vindo na linha dos seriados, os de origem norte-americanos trazem uma grande repercussão. Hoje, é comum escutar um grupo de pessoas comentando sobre algum seriado que estão acompanhando e em quase sua totalidade eles são de produções norte-americanas. Isso se dá, pela semelhança e proximidade com a realidade que se compõem e se constroem as histórias durante suas temporadas ou episódios. Santos (2015), afirma que existe um ganho simbólico oferecido por estas séries e isso acontece por meio do realismo e da identificação com os personagens, dessa forma assume-se uma importância de estudar os seriados na comunicação, principalmente devido a experiência proporcionada.

Com o avanço da tecnologia como citado anteriormente, existe uma geração de espectadores que possuem acesso quase instantâneo do produto televisivo, quando ainda está na internet, poucas horas depois do lançamento na TV americana. De acordo com Silva (2014, *apud* SANTOS, 2015, p.14), afirma que hoje a geração de espectadores pode interagir e ver material exclusivo, isso permite uma maior proximidade e interação com essas narrações, sendo através do *twitter* ou por meios de outras redes sociais, que permitem que o público comente e assista trailers, promos dos próximos episódios.

Além dessa maior interação, hoje as pessoas através de *streaming* como o da Netflix¹⁰, podem assistir e fazer maratonas, Saccomori (2016, p.24), define o conceito de maratonas como “a experiência de assistir diversos episódios de um seriado ou filmes de uma saga, criando uma imersão em um produto audiovisual, representa a prática de uma maratona. Trata-se de um modo de consumo de conteúdo audiovisual em sequência, conforme a disponibilidade da oferta do conteúdo ou da demanda do usuário.”

Dessa forma, em poucas horas o usuário assiste a todos os episódios, e em seguida, se interage com outras pessoas que estejam assistindo o mesmo seriado. Isso hoje em um mundo onde tudo acontece instantaneamente é possível devido à grande interação que existe ao redor da internet, principalmente através das redes sociais que permitem uma circulação de informações. Recuero (2009, p.05), redige como as informações circulam nas redes sociais. “As informações que circulam nas redes sociais assim tornam-se persistentes, capazes de ser buscadas e organizadas, direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis. A essas características soma-se o fato de que a circulação de informações é também uma circulação de valor social, que gera impactos na rede.”

Como já exemplificado, hoje em algumas horas podemos assistir as séries ou os seriados e disseminar opiniões a respeito deles. Já virou divertimento de jovens, adultos, fazer maratonas, com aquela desculpa convencional “apenas mais um episódio”, mas segundo Martin (2014, p.32-33, *apud* SACCOMORI, 2015, p.63), é apenas começar a ir ao ar os créditos de abertura que entramos em outro episódio.

Agora, podemos assistir a uma série inteira em maratonas de duas ou três horas, em verdadeiras orgias de consumo, sessões corridas das quais é até possível tentar se safar, mas então entram no ar os créditos de abertura de outro episódio com seu hipnótico efeito pavloviano, algo que o faz voltar e se preparar para uma hora inteira. (MARTIN, 2014, p. 32-33, *apud* SACCOMORI, 2015, p.63)

Não é novidade alguma dizer que os seriados, principalmente os americanos, são hoje considerados fixados na cultura contemporânea, levando cada vez mais pessoas a acompanharem um novo seriado, uma nova história. Isso ficou evidenciado segundo Cristofolletti (2009, *apud* BRANDÃO, PIMENTA, 2011 p.02), nas salas de cinema que percebem essas inovações, “não é novidade nenhuma dizer que os seriados norte-americanos são hoje ilhas bem conservadas de originalidade e qualidade técnica em suas produções. Basta

¹⁰ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, atualmente com mais de 80 milhões de assinantes. Fundada em 1997 nos Estados Unidos, a empresa surgiu como um serviço de entrega de DVDs pelo correio. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Netflix> >. Definição dada pelo site Wikipédia, acesso no dia 06/ago/2016

olhar a TV e as salas de cinema e perceber que as inovações de formato, de temáticas, de linguagens têm vindos quase todas das produções para a telinha.”

Com todo o sucesso em volta dos seriados e sua semelhança com a sociedade atual, dessa forma levando a tratar assuntos que podem ser considerados vividos em nosso dia-a-dia, as produções estão tendendo a trazer de fato histórias compostas de ficção, mas que se correlacionam em algum ponto com o social. Dessa forma, a produtora de filmes e séries, Netflix, lançou o seriado Marvel's Jessica Jones.

O objetivo deste trabalho é realizar um estudo sobre a personagem Jessica Jones na série produzida para a Netflix, com o intuito de compreender de que maneira a narrativa tenta alcançar uma interlocução com a sociedade a partir da abordagem da mulher complexa e da heroína fracassada explícita na performance da personagem ao longo da primeira temporada da série. De que maneira a narrativa do seriado Jessica Jones dialoga com a noção de *Girl Power*. Nossos objetivos específicos seriam descrever em categorias alguns trechos e situações encontradas com mais frequência em cada capítulo da primeira temporada de cada capítulo que sejam em comum com os termos “mulher complexa”, “heroína fracassada” e ao termo *Girl Power*.

CAPÍTULO 2- REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos feministas mencionam sempre a noção de “empoderamento feminino”. Não cabe aqui citá-los, mas ao falarmos de “empoderamento” logo pensamos em algo ou alguém que possa obter controle ou ter algum direito reconhecido sobre alguma situação ou um fato social. Por exemplo, segundo Landerdahl et. al (2013, p.309),

o termo empoderamento, na tradução brasileira, ou empowerment, na língua inglesa, tem raízes na segunda metade do século XX, em lutas pelos direitos civis, por meio da bandeira do movimento negro e movimento feminista. Esta categoria de análise é conhecida e estudada em muitos países, porém, no Brasil, essas reflexões são incipientes. Consiste em uma alternativa para estudos no campo da exclusão e marginalidade, sendo uma estratégia para romper com paradigmas tradicionais de atenção e intervenção.

No movimento feminino, para as feministas, o termo empoderamento, significa uma compreensão e alteração radical nos processos que fazem as mulheres se sentirem em uma posição de subordinação perante a sociedade, além disso, Segundo Landerdahl, et. al (2013), as mulheres tornam-se empoderadas, “tomando” o termo empoderar-se, quando de fato tem o seu direito de tomar decisões coletivas, e principalmente mudanças individuais, de forma que não dependa de outra pessoa para direcionar o que pensa em fazer no seu dia-a-dia, ou em sua vida.

Dessa forma, o movimento procura dar a igualdade para as mulheres, sendo a independência de fala, de imagem, a decisão de pensar por si mesma, desse modo ajudando na construção de sua identidade. Tendo direitos iguais nos níveis sociais e econômicos.

Landerdahl, Vieira, Cortes, Padoin (2013), afirmam que o empoderamento feminino só se compõe quando os direitos anteriormente mencionados forem atendidos, pois dessa forma a dimensão psicológica do processo de empoderamento será construído.

Acredita-se que o empoderamento feminino seja um processo norteado por parâmetros tais como: construção de uma autoimagem e confiança positiva; desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente; a construção da coesão de grupo; a promoção da tomada de decisões; e ação. Para tanto, esta construção acontece por meio de níveis de igualdade, quais sejam: bem-estar; acesso aos recursos; conscientização; participação e controle social. Estes aspectos compõem a dimensão psicológica do processo de empoderamento. (LANDERDAHL, et.al , 2013, p.311)

Mesmo que os fatores psicológicos sejam atendidos, é necessário que as mudanças para se obter o empoderamento, seja, além dos fatores já mencionados, também a mudança das pessoas envolvidas, como afirma Landerdahl, et.al (2013, p.311), “o empoderamento implica mudanças não apenas nas próprias experiências dos sujeitos, mas também nas das outras

peessoas, grupos e instituições envolvidas, bem como nas políticas públicas e nas estruturas culturais.”

Levando em conta que os fatores sejam atendidos, ainda é necessário um desenvolvimento para se obter o auto reconhecimento, por meio dele, as pessoas se autovalorizam, isso implica, na mudança das transformações políticas e sociais. De acordo com Landerdahl, et.al (2013, p.311), “referem-se ao desenvolvimento do auto reconhecimento, por meio do qual as pessoas adquirem ou fortalecem seu sentimento de poder, competência, autovalorização e autoestima. A dimensão política implica na transformação das estruturas sociais visando à redistribuição de poder, a fim de produzir mudanças nas estruturas de organização social.”

Por fim, outro pilar do empoderamento feminino, é a possibilidade de lutar para conquistar um espaço e poder dar voz às suas opiniões, pesando e exercendo criticamente o seu papel social. Tendo assim, de fato, seus direitos e igualdades estabelecidos. Landerdahl, et.al (2013, p.311) “Em relação ao desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente, as mulheres elucidam nas falas a mudança no pensar e fazer, nas concepções em relação aos atributos femininos e masculinos, bem como na busca pelos direitos e por igualdade”.

A cultura de massa, ajuda na difusão do termo empoderamento feminino, de tal forma que contribui para que esse termo seja cada vez mais reverberado e mostrado, através da televisão, que trata assuntos que se correlacionam com a sociedade, para Faria e Potter (2002, *apud* Luiz, 2013) a televisão contribui nos aspectos para modificar o papel da mulher na sociedade, visto que é um assunto que está em pauta.

Como sabemos, nossa sociedade vem sofrendo uma enorme influência dos conteúdos veiculados pela televisão, principalmente pelas telenovelas que alcançam elevados índices de audiência. Ocorre que, determinadas telenovela contribuem, em alguns aspectos, para modificar o papel da mulher em nossa sociedade, haja vista que propagam a “idealização da autonomia feminina...”. (FARIA & POTTER, 2002, p. 31, *apud* LUIZ, 2013 p.11, 12).

Esse destaque na cultura de massa veio crescendo de acordo com a difusão do movimento e da luta pelo empoderamento. Segundo Faria, Potter (2002, p.22-23, *apud* LUIZ, 2013, p. 12) “no período de duas a três décadas a exposição deixou de ser nula para alcançar a quase totalidade das áreas urbanas”, isso de fato, está ligado à crescente forma de interação que permite a maior visibilidade para questões ligadas a igualdade, gênero, sendo o último um produto do esforço do movimento das mulheres, segundo Guzmán (1997, p. 1 *apud* ALVES, SCHEFLET, SERVA, AQUINO, 2010 p.18), “[...] a inclusão dos temas de gênero é produto

fundamentalmente do esforço do movimento de mulheres, sua assimilação ao debate público por outros atores está condicionada pelo contexto político global e pelas concepções e valores vigentes.”

Com o avanço das lutas pelo empoderamento feminino, a partir dos anos 1980 com a conquista delas do mercado de trabalho, passaram a serem evidentes essas mudanças nas representações, perante a mídia. Fujisawa (2006, *apud* PEREIRA, 2014), deixa claro, que esses ganhos revolucionaram a imagem feminina, principalmente nas propagandas. “A partir dos anos 1980, com a conquista em massa das mulheres do mercado de trabalho, começam as mudanças de representações sociais das mulheres nas mídias, principalmente nas propagandas, visto que precisavam gerar uma identificação do público com seus produtos e programas televisivos”. (FUJISAWA, 2006, *apud* PEREIRA 2014, p.109) Com esses avanços do empoderamento feminino, na virada dos anos 1980 para os 1990, surge o termo midiático *Girl Power*.

2.1. O começo do conceito *Girl Power*, o movimento *Riot Grrrls*

O termo midiático *Girl Power* desde os anos 1990 está no auge, sendo debatido na mídia, mas seu início está ligado ao movimento *Riot Grrrl*, que também era conhecido segundo Casadei (2013, p.198-199), “rock de mina”. Além disso, ainda de acordo com Casadei (2013), ele era composto por jovens de 14 a 20 anos de média ou alta classe.

Esse movimento surgiu no cenário da música punk, segundo Gonik (2006, *apud* TOMAZ, 2012), isso aconteceu, pois, as meninas protestavam, alegando que também poderiam participar do ambiente musical, que era exclusivo para os homens.

O termo ficou globalmente conhecido graças às apropriações feitas pela mídia de uma maneira geral. Mas sua origem está ligada ao movimento *Riot Grrrls*. As *Riot Grrrls* surgiram no cenário da música punk em resposta (e protesto) a uma ideia de que meninas não sabem tocar como meninos e que deveriam participar deste ambiente, limitando-se ao consumo deste tipo de música, fora do âmbito da produção. (GONIK, 2006, p.07, *apud* TOMAZ, 2012, p.09)

Com isso, o movimento, de acordo com Tomaz (2012, p.09), propunha que “as meninas mostrassem diferentes daquelas imagens tomadas como essencialmente femininas, por meio de uma cultura juvenil”, Gonik (2006, p.07, *apud* Tomaz, 2012, p.09), afirma que essa postura soava como “uma força positiva abrangendo a auto-expressão através da moda, atitude, e uma abordagem *Do-it-Yourself*¹¹”.

¹¹ “Faça isto você mesma”. (Tradução nossa)

Dessa forma, começou a ser construída a estética feminina do movimento, que se expressava, de acordo com Gonik (2006, *apud* TOMAZ, 2012, p.09-10), “em frases de camisetas, tatuagens, bótons, bonés etc. que comumente aludiam a palavras e expressões como “ira”, “amargura”, “política”, “estupro”, “vergonha”, “cadela”. Com isso, o movimento acabou sendo chamado por pesquisadores da cultura americana como “feminismo juvenil”. (GONIK, 2006)

O termo *Girrrls*, é considerado de acordo com Ribeiro, et. al (2012, p,228), como “uma onomatopeia usada para representar um rosnado de raiva, uma fúria do movimento, dando a entender que são garotas furiosas”, pois uma das suas reivindicações, eram lutando pela política feminina, através de suas músicas, ou vestimentas e expressões, como já mencionado. Casadei (2013, p.197), afirma que “o movimento *Riot Grrrl* surgiu em meados dos anos 90 e é constituído por garotas que usam o rock como instrumento da luta política feminista.”

As *Riot Girrrls* começaram a fazer uso do termo *Girl Power*, segundo Tomaz (2012), para fazerem referência ao movimento *Black Power*¹², que teve sua maior expressão entre os anos 1960 e início dos 1970, ainda segundo Tomaz (2012, p.10), “a proposta das militantes era utilizar a expressão *Girl Power* como uma estratégia de recuperação da palavra *girl* usando-a estrategicamente para distanciar a si mesmas do mundo com status, hierarquia e padrão adulto e patriarcal”.

Contudo, a intenção social e política não prevaleceu, pois, o termo foi apropriado de formas sucessivas ao longo dos anos 1990, sendo mais utilizado no meio midiático, o que será abordado no próximo tópico. Gonik (2006, *apud* TOMAZ, 2012), afirma que mesmo que o termo tenha sido esvaziado da proposta inicial, ele ajudou a difundir uma cultura juvenil feminina.

Ademais, esse movimento buscou a construção de sujeitos femininos mais independentes e confiantes, Costa (2013, *apud* POLTRONIERI, 2016), afirma que as *Riot Girrrls*, ajudaram e promoveram o termo *Girl Power*, com a autonomia na construção da imagem feminina, as tornando mais independentes e confiantes. Dessa forma, se entrelaçou com o meio midiático.

Um movimento que busca a construção de sujeitos femininos, independentes e confiantes, promovendo a assertividade feminina e a autonomia sexual e social das mulheres contemporâneas é o *girl power* explicado claramente por Tatiane Costa: “O movimento do *girl power* é uma das correntes pós-

¹² Foi um movimento de pessoas negras no mundo ocidental, especialmente nos Estados Unidos. Definição tirada do site Wikipédia. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Power > Acesso em: 09/ago/2016

feministas mais entrelaçadas ao âmbito midiático. (COSTA, 2013, p.03, *apud* POLTRONIERI, 2016)

Assim, o movimento acabou se dissuadindo na mídia e deu início ao conceito midiático *Girl Power*, que se propagou com as bandas *pop* no início da década de 1990, mesma época em que o movimento *Riot Grrrls* estava no auge.

2.2. Termo Midiático- *Girl Power*

Com o movimento das *Riot Grrrls* surge o termo *Girl Power*, que acabou sendo utilizado para os meios midiáticos em diferentes mensagens, Tomaz (2012), afirma que o conceito circulou em matérias relacionadas à cultura, tratando de formas variadas algo vendável. “Ele acabou sendo utilizado, sobretudo, no aparato midiático, em diferentes mensagens que circulavam em matérias, músicas, filmes e espetáculos de teatro, sendo tratado como um feminismo ‘vendável’ e ‘sexy’, por meio de representações de meninas ‘poderosas’, ‘bonitas’, ‘saudáveis e ‘inteligentes’.” (TOMAZ, 2012, p. 10),

Além disso, segundo Genz e Brabon (2009, *apud* COSTA 2013 p.9), o *Girl Power*, busca também, “construir sujeitos femininos independentes e confiantes na exibição de sua feminilidade, promove a assertividade feminina e a autonomia no estilo de vida e na sexualidade, bem como a celebração da diversão e da amizade feminina. ”

A banda inglesa *Spice Girls*, foi o grupo midiático que espalhou este termo, segundo Costa (2013, p.3 *apud* POLTRONIERI, 2016), “O termo começa a ser propagado na década de 1990 com a banda inglesa *Spice Girls*¹³ (Figura 1), espalhando-se principalmente entre outros cantores e bandas *pop*, e marca uma revalorização da feminilidade como um meio de empoderamento feminino”. Ademais, esse empoderamento, segundo Costa (2013), trouxe uma crítica à ideia de feminilidade como marca da “opressão patriarcal”.

¹³ As *Spice Girls* é um *girl group* de música *pop* britânico criado originalmente em 1994 com o nome *Touch* e dois anos depois com o nome definitivo. Definição, tirada do site Wikipédia. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Spice_Girls > Acessado em 08/ago/2016



Figura 1- Grupo Musical Spice Girls, primeiro grupo a difundir o Girl Power

O termo como supracitado se difundiu pela mídia, principalmente a partir dos anos 1990, além das Spice Girls outros personagens midiáticos ajudaram na propagação do termo, seja em livros, filmes e novelas, Costa (2013), afirma que houve uma enorme propagação do postulado *Girl Power*, isso levou a profusão de matérias jornalísticas, que abordam o assunto da força da mulher, perante a sociedade.

Observa-se uma enorme difusão dos postulados do *girl power* pela mídia contemporânea. Músicas, filmes, novelas e livros exaltam o poder de uma mulher que está no topo. Chamou-me especialmente a atenção a profusão de matérias jornalísticas recentes que se dedicam a discutir e analisar o que seria o novo papel da mulher na sociedade. O assunto extrapolou o âmbito especializado das publicações femininas e ganhou as revistas semanais de informação. Frequentemente são empregadas palavras como *mulher poderosa* e *mulher alfa* para descrever essa “nova mulher”. (COSTA, 2013, p. 9)

De acordo com Ribeiro, Bakker, Favoretto (2007, p.5), ressalta que o fenômeno do grupo, surgiu com a força da mídia e do público “ simultaneamente, fenômenos como o bem-sucedido grupo pop inglês *Spice Girls* — conjunto de cinco moças, escolhidas a dedo por produtores — surgem com grande força na mídia tendo como público majoritário crianças e jovens, sobretudo do sexo feminino”.

Vale ressaltar que recentemente, além da série Marvel’s *Jessica Jones*, outras produções trazem essa representação do termo midiático *Girl Power*, como nos livros a personagem Katniss Everdeen¹⁴(figura 2) na saga de livros *Jogos Vorazes*, sendo a protagonista da história, percebe-se uma construção de uma mulher forte, decidida, mas com características de sua feminilidade, ou ainda, no universo dos livros, a construção da personagem Herminone

¹⁴ Personagem fictício e a protagonista e narradora da trilogia *The Hunger Games* (*Jogos Vorazes*) de Suzanne Collins. Definição do site Wikipédia, Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Katniss_Everdeem > Acesso em: 08/ago/2016

Granger¹⁵ (figura 3), ao longo da história de *Harry Potter*, que começou na década de 1990. Essas representações, segundo França (2003), estão sempre ligadas ao contexto da época.

As representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade- elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos contraídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. (FRANÇA, 2003, p.19)



Figura 2- Representação do Girl Power em J.V.



Figura 3-Representação do Girl Power em H.P.

Com a propagação do termo midiático em livros e séries, o postulado sempre dizia para que elas acreditassem em si mesma, como é representado nas personagens supracitadas. De acordo com Ribeiro, Bakker, Favoretto (2007), o *Girl Power* dizia que elas deveriam acreditar em si mesmo e em suas capacidades. “Era propagado o *Girl Power*, poder feminino, que dizia às meninas que deviam acreditar em si mesmas, nas suas capacidades e individualidade, independente da aprovação de terceiros, sobretudo do sexo masculino.” Ribeiro, et al. (2007, p.05)

Não só nos livros ou nos filmes o termo também está sendo empregado nos meios midiáticos até na construção de celebridades da música, como por exemplo, a cantora Anitta¹⁶

¹⁵ Uma personagem fictícia e uma das protagonistas dos livros da série Harry Potter. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermione_Granger > Definição do site Wikipédia, Acesso em: 08/ago/2016

¹⁶ Larissa de Macedo Machado, mais conhecida pelo nome artístico Anitta, é uma cantora, compositora, apresentadora e dançarina brasileira. Em 2010, assinou contrato com uma gravadora independente do Rio de

(Figura 4). A cantora, segundo Costa (2013, p.11), “mantém os padrões de feminilidade- doçura, recato, vaidade- mas utiliza-os como meios de empoderamento para obter o que quer.”.

Anitta traz em sua elaboração o emprego de mulher poderosa, que está construído em suas músicas, em sua composição e na sua performance em shows. Deixando clara a sua autenticidade e presença de opinião e seu direito a fala. Assim, segundo Costa (2013, p.09), “o sucesso meteórico de Anitta como uma explosão tardia do fenômeno do *girl power* no Brasil”, além disso, de acordo com Freire (2007, *apud* COSTA 2013), o eixo de luta das garotas superpoderosas está na busca da autenticidade.

Observa que o eixo da luta das garotas superpoderosas de hoje é a defesa da autenticidade, “entendida basicamente como a possibilidade de formulação e comunicação – por meio de toda a conhecida parafernália da feminilidade (maquiagem, vestuário, adornos, tietagem) – de ideias e valores próprios” (FREIRE FILHO, 2007, p.141, *apud* COSTA, 2013, p .07).



Figura 4- Cantora Anitta, que também dissemina o termo *Girl Power*, em suas músicas e performance

Como é percebido, o termo *Girl Power*, desde os anos 1990, começou a se reverberar, e hoje é possível vê-lo sendo utilizado em diferentes plataformas midiáticas, como os exemplos mencionados.

A visibilidade do termo devido às redes sociais e debates em grupos, possibilitou a exploração e a difusão do postulado, levando o conhecimento dele através das mídias a todos os públicos, principalmente com as redes sociais, que deixam mais fáceis a obtenção de

informações e construções diante de termos que antes não eram ouvidos ou até mesmo direitos que anteriormente eram negados ou desconhecidos.

Essa propagação cada vez mais frequente do termo, levou a construção da série Marvel's Jessica Jones.

CAPÍTULO 3- ANÁLISE DA PERSONAGEM JESSICA JONES

3.1. O seriado “Marvel’s Jessica Jones”

O seriado Marvel’s Jessica Jones, é um seriado norte-americano, que teve sua estreia mundial no dia 20 de novembro de 2015 (Figura 5). Marvel’s Jessica Jones é baseada nas histórias em quadrinho da produtora Marvel’s Comics¹⁷.



Figura 5- Pôster da Série

A sinopse do seriado, encontrada e explicada pela site Adoro Cinema¹⁸, detalha o que vai ser encontrado na história durante a sua primeira temporada.

Desde que sua curta vida como super-heroína acabou de forma trágica, Jessica Jones (Krysten Ritter) vem reconstruindo sua carreira e passou a levar a vida como detetive particular no bairro de Hell's Kitchen, em Nova York, na sua própria agência de investigações, a Alias Investigations. Traumatizada por eventos anteriores de sua vida, ela sofre de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, e tenta fazer com que seus super-poderes passem despercebidos pelos seus clientes. Mas, mesmo tentando fugir do passado, seus demônios particulares vão voltar a persegui-la, na figura de Zebediah Kilgrave (David Tennant), um obsessivo vilão que fará de tudo para chamar a atenção de Jessica.

¹⁷ A Marvel Comics é a linha editorial de banda desenhada ou história em quadrinhos da Marvel Entertainment, pertencente à Walt Disney Company ao ser comprada em 2009, por 4 bilhões de dólares. Com sede na 387 Park Avenue South, em Nova Iorque. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Marvel_Comics > .Definição encontrada no site Wikipédia, acessado em: 12/ago/2016

¹⁸ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade117933/filmografia/melhores/>> Acessado no dia 06/ago/2016

Uma outra sinopse foi fornecida pela própria produtora, em sua página¹⁹ no catálogo da Netflix. (Figura 6). No catálogo, a série é apresentada a segunda forma: “Assombrada pelos traumas do passado, Jessica Jones usa seus poderes como detetive particular para encontrar e deter o perverso Kilgrave”

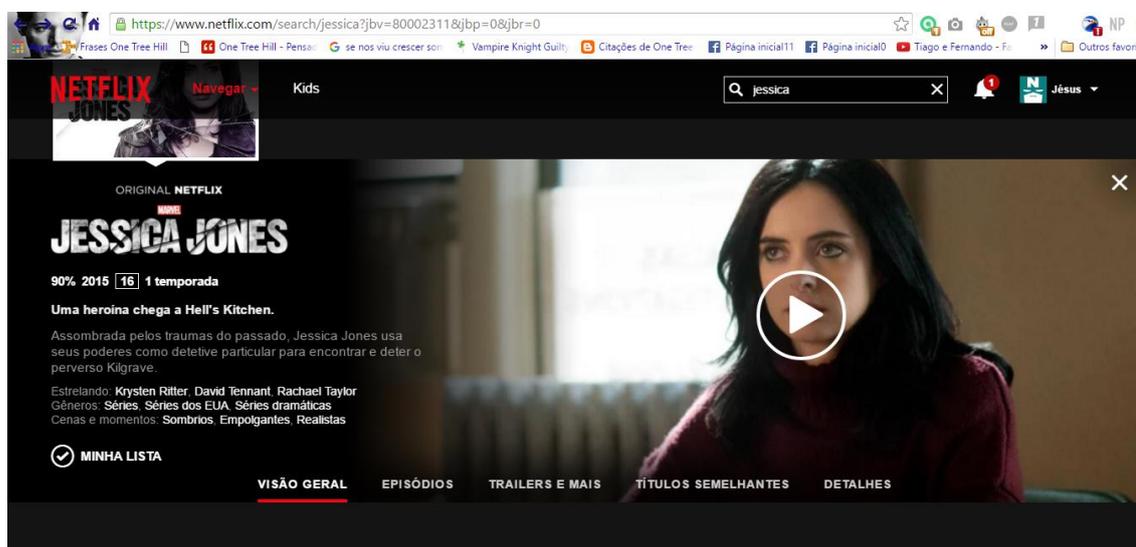


Figura 6- Imagem e sinopse no site da Netflix

Por ser uma série original Netflix, no dia de sua estreia, todos os episódios da sua primeira temporada foram lançados, sendo uma forma de estratégia que permite uma maior interação entre o público e a história.

Desse modo, a ideia de maratona é evidenciada, fazendo assim com que os consumidores, possam reverberar sua opinião, sua paixão pelo seriado recém lançado. Segundo Jenkins (2009, *apud* FERNANDES, 2015), os consumidores não apenas assistem, mas podem proclamar sua paixão pela produção midiática, de forma positiva na fabricação de camisetas e grupos nas redes sociais.

A reverberação em torno do seriado levou à produção de matérias jornalísticas (matérias completas em anexo), em sites de revistas como: a Carta Capital, o G1 e nos sites de cultura *pop*, como por exemplo, Super Nerd.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.netflix.com/search/jessica?jbv=80002311&jbp=0&jbr=0>>, link para o acesso da página. Acessado no dia: 27/ago/2016

No site Super Nerd²⁰, a elaboração foi feita antes do lançamento da série, e consiste em trazer pontos positivos e expectativas. Um dos pontos que a matéria aborda, é o conceito para o público feminino.

Cercada por todos esses fatores discutidos na matéria, Jessica Jones é espetacular. O melhor é a conexão criada com o público feminino, de forma a identificá-lo como igual e não ver gênero, pele ou o que for. As mulheres *nerds* ainda precisam de ícones fortes dentro da cultura pop e Jessica Jones cumpre esse papel. Me surpreendi ao conhecer a personagem e já me tornei um fã nato pelo conteúdo apresentado. Esse artigo está longe de ser a representação de uma crítica, ou review sobre a série, mas apenas uma reflexão do potencial que as mulheres têm dentro da cultura pop, mas que ainda não se sobressai por serem tratadas como ponte de acesso a um público restrito. (Trecho da matéria publicada no dia (04/11/15 no site Super Nerd) (Anexo 1)

Na matéria publicada pela Carta Capital²¹, evidencia o fato da qualidade e da diversidade da ficção, dessa forma, ela afirma que a série traz mais profundidade a assuntos e conteúdos, além disso, também deixa claro, a aproximação de temas do cotidiano.

A qualidade de Jessica Jones mostra que diversificar a ficção acaba resultando em subir o nível das produções, não só em visual e efeitos especiais, como em profundidade de conteúdo. Diversidade na ficção resulta em histórias mais humanas – e, conseqüentemente, mais divertidas, emocionantes, chocantes. (Trecho da matéria publicada no site da Carta Capital no dia 03/12/2015) (Anexo 2)

Na época do lançamento da série, o assunto que era discutido nos meios de comunicação, era o “#meuamigosecreto²²” e o “#PrimeiroAssédio²³”, questões que debatiam o abuso contra as mulheres. Coincidentemente o seriado foi lançado trazendo questões de abuso se aproximando de certa forma com o que acontecia na sociedade. Nascimento (2016), deixa

²⁰ Super Nerd, 04/11/2015- Jéssica Jones, o ícone da mulher real nas HQs. Disponível em: < <http://osupernerd.com.br/quadrinho/jessica-jones-o-icone-da-mulher-real-nas-hqs/> > acesso em : 26/ago/2016

²¹ Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/cultura/jessica-jones-e-a-possibilidade-de-se-enxergar-em-uma-heroina-6897.html> > Data da Matéria: 03/12/2015. Acessado em: 27/ago/2016

²² Com a hashtag #MeuAmigoSecreto, as mulheres querem agora denunciar o comportamento incoerente de pessoas de sua convivência – aquelas que não se julgam machistas ou preconceituosas, mas são. Definição encontrada na matéria do site El País, publicada em 25/11/2015 acessado no dia 27/ago/2016 Link: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/25/politica/1448451683_866934.html

²³ #PrimeiroAssédio: Mulheres compartilham no Twitter primeira vez que sofreram assédio, definição encontrada no site Brasil post, publicado em 22/10/2015. Acessado em 27/ago/2016 Link: http://www.brasilpost.com.br/2015/10/22/primeiro-assedio_n_8356762.html

evidenciado o propósito do poder das narrativas ficcionais que consiste em traduzir e se aproximar de experiências do cotidiano.

Com tal propósito, o poder das narrativas ficcionais consiste em traduzir as tematizações sociais através de relações afetivas, ao nível do vivido, misturando-se na experiência cotidiana e revelando-se em múltiplas facetas: subjetiva, emotiva, política, cultural, estética. Nessa perspectiva, entendemos que a fusão dos domínios do imaginário e do real pela ficção, especialmente nas telenovelas, representa uma linha de força na construção de uma sociedade *multicultural*. Nesse sentido, a verossimilhança das tramas é tecida no interior da narrativa, o que permite o fortalecimento das raízes do gênero em meio à cultura que o produz. (NASCIMENTO, 2016, p.07)

Na matéria sobre o seriado Marvel's Jessica Jones, que saiu no G1²⁴, no dia 20/11/2015, dia do lançamento do produto midiático, traz como título “*Jessica Jones tem potencial para ser a melhor série da Netflix*”, deixando evidente como a série foi reverberada de forma positiva.

Outro ponto evidenciado na matéria do G1 (Anexo 3) é a abordagem na construção do vilão da trama, correlacionando muito com a realidade, do homem que não respeita os direitos das mulheres, deixando uma tensão em toda a primeira temporada. Para JOST (2007, *apud* NASCIMENTO, 2016, p.07), “a ficção não representa uma mentira, mas traduz um olhar específico sobre a realidade.” Dessa forma, a construção do Kilgrave se assemelha a sociedade em que vivemos, onde ele, se assemelha bastante ao lado terrorista do homem, que causa danos em mulheres e pensa que é algo normal.

Grande prova do valor do roteiro está na construção do vilão. Kilgrave, o Homem Púrpura dos quadrinhos, representa uma ameaça constante e verdadeira à heroína. Mesmo renegado a pouco mais que sussurros nos primeiros capítulos, sua presença é sentida em todos os cantos escuros da sombria vizinhança habitada pelo detetive. (Trecho da Matéria no G1, no dia 20/11/2015) (Anexo 3)

Kilgrave (Figura 7), como citado anteriormente, é o grande vilão da primeira temporada de Marvel's Jessica Jones. Ele é composto com várias apropriações do cotidiano, sendo um homem que aterroriza suas vítimas, ele possui o poder de controlar mentalmente as pessoas e é quem assombra Jessica, pois, ele já a controlou de forma abusiva, não a deixando “tomar” as suas próprias decisões, a submetendo a ele.

²⁴ Disponível em: < <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/11/jessica-jones-tem-potencial-para-ser-melhor-serie-do-netflix-g1-ja-viu.html> > Acesso em: 27/ago/2016



Figura 7- Imagem do Kilgrave no seriado Marvel's Jessica Jones

Mesmo com o floreio do seriado, Kilgrave traz características que o associam com a realidade em questão, como o de tentar controlar as ações das mulheres e impedir seus direitos de fala. A construção em torno desse personagem criou um grande paralelo com a realidade em que vivemos. Lahni, Assis, Auad (2013), afirma que os seriados sempre foram responsáveis por debater e reverberar assuntos variados.

Esses produtos servem, portanto, como reflexo de parte das necessidades, angústias e desejos de homens e mulheres, permitindo diagnosticar e dar atenção, logo, a algumas questões presentes na vida dos seres humanos, hoje em dia. (LAHNI, et al, 2013, p.3)

Criado por Melissa Rosenberg, o seriado traz em sua construção, elementos que evidenciam o empoderamento feminino, deixando evidente aspectos que humanizam a personagem central, criando assim, segundo Jost (2011 *apud* PELEGRINI, MUNGIOLI, p.32) “uma maior identificação do telespectador com a personagem e um engajamento maior da audiência em relação à trama.”

Esses aspectos ajudam a construir a personalidade de Jessica Jones, uma heroína que ao longo do seriado, apresenta-se em alguns pontos como composição da mulher empoderada e em outros desconstrói a imagem midiática através de sua representação.

3.2. A personagem Jessica Jones

Jessica Jones (Figura 8) surgiu nos quadrinhos e sua primeira aparição foi na série de quadrinhos “*Alias*”, em 2001, (sem nenhuma relação com a série de TV originada recentemente).

Criada por Brian Michael Bendis e pelo desenhista Michael Gaydos. De acordo com Gomes (2009), Jones passou a trabalhar como detetive observando de longe a interferência dos super-heróis.

Jessica Jones, uma ex-super-heroína que passou a trabalhar como detetive, observando de longe a interferência dos super-heróis no cotidiano de Nova York. Porém, a personagem é uma criação recente destes mesmos autores, de modo que toda relação desta personagem com acontecimentos passados é estabelecida por aquilo que os leitores chamam de “continuidade retroativa”, elementos mostrados no presente que alteram acontecimentos mostrados em outras histórias do passado. Na verdade, os autores mostram Jessica como uma personagem que esteve próxima dos principais acontecimentos da grande narrativa da Marvel ao longo dos anos, como os diversos acidentes que deram origem aos poderes de seus personagens mais famosos, como o Homem-Aranha e o Demolidor. (GOMES, 2009, p.11)



Figura 8- Jessica Jones em uma de suas aparições na primeira temporada

Durante a primeira temporada da série Marvel’s Jessica Jones, temos um foco na construção da personalidade de Jones, protagonista e heroína. Ela é retratada de forma mais humana, principalmente em suas vestimentas e expressões faciais. Fato evidenciado na matéria

do site Super Nerd²⁵, publicada em novembro de 2015. Em um trecho é mencionado que ela é “a representação da mulher forte, independente e real, envolta de temáticas densas, profundas e realistas”.

Ao mesmo tempo, durante a temporada fica evidente sua relação amorosa ou sua relação de amizade, demonstrando que ela não mantém um forte vínculo. De acordo com Soares, Magalhães (2014, p.53), “Tanto nos relacionamentos amorosos quanto de amizade, Jessica é retratada como alguém que não consegue manter esses vínculos e, por conta disso, é solitária.”

Segundo a matéria realizada pelo site Super Nerd²⁶, “Jéssica é uma personagem complexa, com uma trajetória complicada e perturbada. A mulher amargurada com um misterioso passado.”

Além disso, ainda de acordo com a matéria, Jessica é descrita como uma heroína fracassada que teve que sucumbir a vida humana, para esquecer o fato dos seus poderes. Outra informação que a matéria traz é como Jessica é a máxima da mulher real. “Jones é a máxima da mulher real por apresentar não uma mulher frágil, mas complexa, com uma carga emocional pesada e o ideal da independência”

Jessica é interpretada por Krysten Ritter²⁷, mora em uma vizinhança ruim e possui sua própria agência de investigação, onde ela escolhe os casos que irá trabalhar. Jones é sarcástica e solitária, bebe bastante e tem uma vida sexual ativa. Segundo Soares, Magalhães (2014), Jones apresenta uma postura agressiva, relacionada mais ao mundo masculino.

Jones leva consigo a postura agressiva física nas resoluções de problemas, relacionada mais ao mundo masculino, entretanto, temos que salientar que tal comportamento é contextualizado como uma forma de reação agressões. O que se colocaria mais como um discurso pró-autodefesa feminina que pura reprodução e comportamentos. (SOARES, MAGALHÃES, 2014, p. 57)

Jessica sofre com o estresse e o medo da volta do vilão Kilgrave que a controlou de forma abusiva e a forçou a fazer o que ela não queria. Quando se inicia a história, Jessica está tentando conquistar seu espaço com sua agência e em um dos seus casos, ela acaba se deparando com o retorno da sombra do seu passado.

²⁵ Super Nerd, 04/11/2015- Jéssica Jones, o ícone da mulher real nas HQs. Disponível em: < <http://osupernerd.com.br/quadrinho/jessica-jones-o-icone-da-mulher-real-nas-hqs/> > acesso em : 26/ago/2016

²⁶ Super Nerd, 04/11/2015- Jéssica Jones, o ícone da mulher real nas HQs. Disponível em: < <http://osupernerd.com.br/quadrinho/jessica-jones-o-icone-da-mulher-real-nas-hqs/> > acesso em : 26/ago/2016

²⁷ Atriz e ex-modelo americana. É conhecida pelos seus papéis nas séries Breaking Bad, Don't Trust the B. in Apartment 23 e Jessica Jones. Definição acessado na Wikipédia. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Krysten_Ritter > Acesso em: 06/ago/2016



Figura 9- Imagem retratando a voz do Kilgrave, o passado que assombra Jessica

Devido às realidades ficcionais desenvolvidas nos diversos meios de comunicação, acompanhar a história da personagem saindo do pressuposto que você tenha contato apenas com a série, permite explorar aspectos diferenciados, de acordo com Massarolo e Mesquita (2014), essa imersão permite acesso a entender como uma narrativa transmidiática pode ser construída.

As realidades ficcionais desenvolvidas através dos mais diversos meios de comunicação permitem explorar aspectos diferenciados de uma experiência imersiva. Essas práticas são comumente entendidas como transmidiáticas, ou seja, uma estratégia de *storytelling* que interliga, de forma coerente e unificada, uma gama de conteúdos em uma rede midiática expressa por diversas linguagens. (MASSAROLO, MESQUITA, 2014, p. 48)

Essa aproximação do seriado com as personagens fictícias que saíram dos quadrinhos promove uma relação de troca de informações, pois o diretor promove uma enquete entre os fãs que esperam ver o que imaginava dos seus heróis, sendo retratados na tela. Para Toledo, Menardi, Milanez (2013), essa interlocução, promove maior aceitação.

Um grande exemplo disto são as transformações de personagens fictícios de livros e quadrinhos em personagens reais: nessa ocasião o diretor promove uma enquete para saber como os fãs imaginam que seria esse personagem na vida real, quem seria o ator ideal para desempenhar o papel, o local onde se passariam as cenas e tudo mais que estiver relacionado. (TOLEDO, et.al ,2013, p.03)

Jessica de fato é uma personagem que foge dos padrões de heroína, ajudando na criação da representação do conceito de mulher independente, a escolha de sua caracterização reforça alguns pontos de semelhanças com a sociedade. Ponto evidenciado na matéria da revista Carta Capital²⁸, traz o trecho “É fácil se enxergar como Jessica não só porque ela tem problemas reais, não usa um uniforme colorido e um nome engraçado”.

²⁸ Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/cultura/jessica-jones-e-a-possibilidade-de-se-enxergar-em-uma-heroína-6897.html> > Data da Matéria: 03/12/2015. Acessado em: 27/ago/2016

CAPÍTULO 4- METODOLOGIA E ANÁLISE

4.1. Análise de Categorias

Após a escolha do objeto, passamos para a definição de uma metodologia, e a apuração do *corpus*²⁹. Desse modo, foi definido qual seria a metodologia aplicada, a análise de categorias que se apoia na de conteúdo.

Segundo Bardin (2009, *apud* FOFONCA, FARAGO, 2012 p.02), “a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, assim, a partir desse método, abordamos um de seus tópicos, o da análise por categorias.

O tópico dentro do estudo da análise de conteúdo escolhido, foi a feita por categorias, como supracitado, isto foi definido, devido a forma que será analisado o objeto, para Bardin (1977), essa técnica surgiu em primeiro lugar, sendo a mais antiga e utilizada.

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977 p. 153)

Com esse método, analisaremos como podemos identificar traços de identidade feminina na construção da personagem Jessica Jones, quais as semelhanças e diferenças dentro do universo do *Girl Power*, que ajudam a reverberar a protagonista dentro da sociedade contemporânea.

Segundo Bardin (1977), a concepção da linguagem (neste caso a construção da imagem e da linguagem empregado na produção), faz interferências a respeito da emissão, assim, como a emissão da personagem, ajuda a moldar e dar como referência a esse termo midiático, que está em alta, sendo cada vez mais difundido.

A concepção da linguagem em que esta análise se fundamenta é chamada «representacional», isto é, considera-se que a linguagem representa e reflecte directamente aquele que a utiliza. Por conseguinte, podemos contentar com os indicadores manifestos, explicitamente contidos na comunicação para fazer inferências a respeito da fonte de emissão. (BARDIN, 1977, p.155)

²⁹ Conjunto de um determinado tema, nesse caso, a personagem Jessica Jones

As categorias para se construir a análise foram definidas de acordo com o que mais se reverberou durante a primeira temporada de *Marvel's Jessica Jones*, sendo correlacionadas como os postulados que são utilizados, quando se falam da mulher *Girl Power*. Sendo assim, não cabe a este trabalho fazer uma análise da Mídiação do seriado e sim um estudo sobre a personagem.

4.2. Categorias para Análise de Conteúdo da personagem Jessica Jones

Com a escolha da metodologia, as categorias para se fazer a análise foram elencadas e escolhidas de acordo com o que foi visto durante a temporada, além disso, apenas foi possível definir quais categorias, quando foi correlacionado o seriado com os conceitos do *Girl Power*, chegando assim em quatro tópicos.

- **Sinopse e caracterização da personagem:** Pequenos resumos retirados do site da Netflix que tratam dos acontecimentos em cada episódio. Além da descrição fisiológica da personagem Jessica Jones.
- **Relação Jessica-Luke (amor), Jessica-Kilgrave (ódio):** Nesse tópico será analisado para entender a relação dela com dois tipos ou lados dos homens – o lado da paixão/amor representado pelo Luke; o lado do ódio/terrorista representado pelo Kilgrave – na primeira temporada.
- **Atitudes da Personagem- Trabalho:** Como Jessica é uma detetive, a relação com o seu trabalho é constante. Esse tópico irá abordar a relação dela com as pessoas relacionadas com seu trabalho.
- **Independência de Fala:** Como a Jessica consegue expressar pelas falas o que pensa em relação a sua vida, seus ódios, seus amores e seu trabalho.

4.2.1. Quadro de análise dos episódios

Episódios	Sinopse e Características fisiológicas da personagem	Jessica X Luke	Jessica X Kilgrave	Atitudes da personagem no trabalho	Independência de Fala

<p>1-Moça Bonita não Paga</p>	<p>Jessica é contratada para encontrar uma estudante desaparecida, mas o caso é mais grave que parece</p> <p>Características: Biótipo Frágil, Roupas Simples.</p>	<p>Investigação Própria sobre o caso da mulher com Luke</p>	<p>Caso do desaparecimento de Hope, associado a volta de Kilgrave</p>	<p>Investigação do caso de Hope, por conta própria. Hope vítima de Kilgrave</p>	<p>Início do episódio, mostra ela entregando fotos de um caso e quando o cliente a confronta, ela o joga pela janela.</p>
<p>2- Síndrome de Esmagamento</p>	<p>Jessica promete provas a inocência de Hope, mas isso envolve a busca por uma figura do seu passado.</p> <p>Características: Roupas simples e perturbação da sombra do Kilgrave.</p>	<p>Jessica corre para ajudar Luke, quando ele está lutando</p>	<p>Ela investiga por conta própria um cara que foi atacado por Kilgrave</p>	<p>Jessica procura provas para o caso de Hope</p>	<p>“Sabem porque moro sozinho? ... as pessoas me distraem... só faça silêncio”</p>
<p>3-Codinome Uísque</p>	<p>Jessica encontra uma arma contra Kilgrave, mas usá-la não seria fácil. As semelhanças entre Luke e Jessica aproximam os dois.</p> <p>Caracterização: Jeans, jaqueta preta, blusas escuras, rosto cansado. Cicatrizes no rosto</p>	<p>Jessica e Luke ficam juntos de novo, o episódio começa assim. Uma conversa no bar e eles ficam juntos de novo</p> <p>Ela vê a foto da mulher ex de Luke e lembra</p>	<p>Kilgrave e Jessica se olham pela primeira vez e mostra o flashback de como ela mata a mulher de Luke e como ela se liberta do seu controle mental.</p> <p>Jessica descobre uma sala cheia de</p>		<p>“Hope está sendo crucificada pela mídia e você precisa fazer algo”- falando com sua chefe”</p>

		que Kilgrave a fez empurrá-la. Com isso, ela fala para Luke que precisa ir embora.	fotos dela, feita por Kilgrave Luke acha que Jessica não consegue lidar com sua ex esposa morta		
4-99 Amigos	<p>Jessica tem um novo caso, mas precisa desmascarar o espião de Kilgrave. Trish decide levantar um tema perigoso no seu programa de rádio.</p> <p>Caracterização: Jeans, jaqueta, cachecol, cicatrizes na testa.</p>		“ Kilgrave mandou o policial de volta para me matar”	Jessica procura quem é espião de Kilgrave, da forma dela.	<p>Já tenho muito o que lidar sem você entrar em modo de destruição”</p> <p>“Entre no abrigo, estou a caminho”</p>
5- O sanduíche me salvou	Simpson passa a participar no plano de capturar Kilgrave, mesmo diante das objeções de Jessica. Ela relembra um momento crucial do passado.		<p>A época antes de Kilgrave é mostrada e vemos uma Jessica mais arrumada</p> <p>Depois de Kilgrave, ela não se arruma mais, sempre é</p>		<p>Início do episódio: flashback “Duas latinhas,</p> <p>Qual é a palavra? Desfalque ou é outra palavra com D, delito. ”</p>

			<p>vista bebendo</p> <p>A presença do Kilgrave a faz recordar sempre o trauma vivido</p>		
<p>6-Você Ganhou!</p>	<p>Luke contrata Jessica para encontrar um garotão desaparecido, mas ela pode acabar revelando muito mais do que seus métodos.</p> <p>Caracterização: Roupas simples, jeans e regata, Jessica não se arruma.</p>	<p>Retorno de LUKE a série e pede que Jessica pegue um caso</p> <p>Jessica coloca as mãos em torno de Luke em sua foto, cena foca exatamente em suas mãos (19:40)</p> <p>“Você não fez nada de errado, eu que sou boba” Jessica para Luke.</p> <p>Reva tinha algo que ele queria. Jessica conta que matou a</p>		<p>Luke oferece um novo caso a Jessica</p>	

		mulher de Luke.			
7-Segurança Máxima	Malcolm, Simpson e Trish agem por conta própria para evitar que Jessica execute um plano radical para derrotar Kilgrave	.	<p>Encontro com Kilgrave “Tem arruinado minha vida “Que vida? ”</p> <p>“Você me fez sentir algo que nunca tinha sentido antes, saudades” (Kilgrave)</p> <p>Jessica vê seu vizinho que foi morto por Kilgrave</p>		<p>“É a cafetina dela”</p> <p>“Isso não faz com que as coisas ruins que fez sumirem”</p> <p>“Ou ache você espancada até morrer com meu aspirador de pó? ” (Jessica)</p> <p>“Eu odeio despedidas. Eu sempre desapareço. Mas esta despedida esta merece uma última longa olhada” (31:04)</p>
8- O que Jessica Faria?	<p>Jessica recebe uma estranha gentileza de Kilgrave. As desavenças entre Hogarth e sua esposa indiferente chegam ao limite.</p> <p>Caracterização: Regata branca, jaqueta preta, jeans. Sem marcas no rosto.</p>		<p>“Fazíamos bem mais do que só tocar as mãos Isso se chama estupro Ficar em hotéis cinco estrelas, comer nos melhores restaurantes .” (Diálogo, quando Jessica, afirma que foi estuprada</p>		<p>“Mas eu não queria nada daquilo. Você não me estuprou apenas fisicamente mas violou cada célula do meu corpo e cada pensamento da minha mente. Não era o que eu tentava fazer; não importa o que você tentava fazer Você me estuprou” (Jessica)</p>

			por Kilgrave)		
9- Cartão Amarelo	<p>O plano de Jessica parece estar funcionando, mas Hogarth aparece e complica as coisas. O passado de Kilgrave vem à tona.</p> <p>Caracterização: Jeans, regata preta, jaqueta preta. Bebe direto</p>				<p>“Solte-me Jessica”, ela nota que é imune a Kilgrave</p>
10-Mil cortes	<p>Uma nova descoberta pode virar o jogo, se Jessica recusar a oferta de Kilgrave.</p>		<p>“Você não pode mais me controlar, eu sei disso há um tempo, entretanto, você demorou a descobrir” (Jessica, quando descobre que está livre do controle de Kilgrave (20:41)</p> <p>“Você quer ficar comigo admita, admita o que você</p>		<p>“Se vire sozinha” (Jessica para a sua chefe, após descobrir que ela ajudou Kilgrave a escapar) (17:07)</p> <p>“Tirar você da minha cabeça foi como tirar um fungo da janela, eu não consegui pensar.” Jessica (29:19)</p>

			fez. ” (Kilgrave para Jessica)		
11-Azul para acalmar	<p>Jessica procura pistas no necrotério. Trish faz de tudo para impedir que Simpson atrapalhe a busca de Jessica. Malcolm tem uma inspiração súbita.</p> <p>Caracterização: Regata cor de pele, calça suja de sangue, olheiras.</p>				<p>Se contar a alguém vou dizer que você sofre abuso infantil (23:50)</p> <p>“Não posso derrotá-lo Trish estou muito ferida” Jessica para sua amiga, demonstrando fragilidade (37:00)</p>
12- Entre na Fila	<p>Na perseguição a Kilgrave, Jessica reencontra Luke. Trish recebe informações inesperadas sobre Simpson e Jessica</p>	<p>Cena com o Luke (13:16)</p> <p>Sensibilidade e vulnerabilidade perto de Luke</p> <p>Luke enfrenta Jessica, sendo controlado pelo Kilgrave</p>	<p>Kilgrave manda Luke “se mata” pois sabe que ferirá emocionalmente Jessica.</p>		
13- Sorria!		Jessica deita	“Eu faria me desejar e		“Dizem que as pessoas nascem

	<p>Jessica e Luke são ajudados por alguém no bairro. Kilgrave se prepara para testar forças contra Jessica.</p> <p>Caracterização: Frágil, corpo com cicatrizes do tiro levado em fuga do hospital.</p>	<p>sobre o corpo de Luke, que está inconsciente (18:22)</p> <p>Pensei em você, eu sabia que nunca iria acontecer, mas não pude evitar imaginar nós dois em um encontro romântico , jogando boliche, coisas normais, é a primeira pessoa com quem imaginei o futuro. Também é a primeira pessoa em quem atirei na cabeça.. se. Quando você acordar não estarei por perto para arruinar a sua vida, provavelmente estarei morta,</p>	<p>depois a rejeitaria”- Kilgrave</p>		<p>heróis, mas a vida irá fazê-los passar do limite até que se tornem um vilão”</p>
--	---	--	---------------------------------------	--	---

		<p>mas talvez Kilgrave também esteja. Eu teria gostado desse futuro” (Jessica para Luke)</p>			
--	--	--	--	--	--

4.2.2. Sinopses e Caracterização da Personagem

Durante a primeira temporada de Marvel’s Jessica Jones, é identificado que a personagem Jessica traz um estereótipo frágil, marcado por cicatrizes, rosto cansado e roupas mais simples.

No primeiro episódio que traz o nome de “Moça bonita não paga”, Jessica é apresentada como uma mulher que vive em um apartamento, onde o usa como sede da sua agência de investigações. Logo no início do episódio, vemos fotos sendo tiradas por ela, de madrugada, fazendo o seu trabalho de investigadora particular.



Figura 10-Foto retirada por Jessica, logo no início do primeiro episódio

Já podemos observar que Jessica (Figura 11) não se assemelha às heroínas conhecidas, como a Mulher Maravilha³⁰, pois traz consigo, uma aparência de cansaço. Além disso, seu corpo, é mais sensível, perceptível através de suas vestimentas e seu rosto sem nenhum vestígio de maquiagem. Dessa forma, sendo construída se assemelhando a algumas mulheres do cotidiano, aparentando ser mais humanizada.

Durante toda a temporada, ela sempre está vestindo um jeans mais desbotado, regatas de cores escuras ou claras, as vezes usando um cachecol e sua jaqueta preta, presente em todos os episódios da temporada.

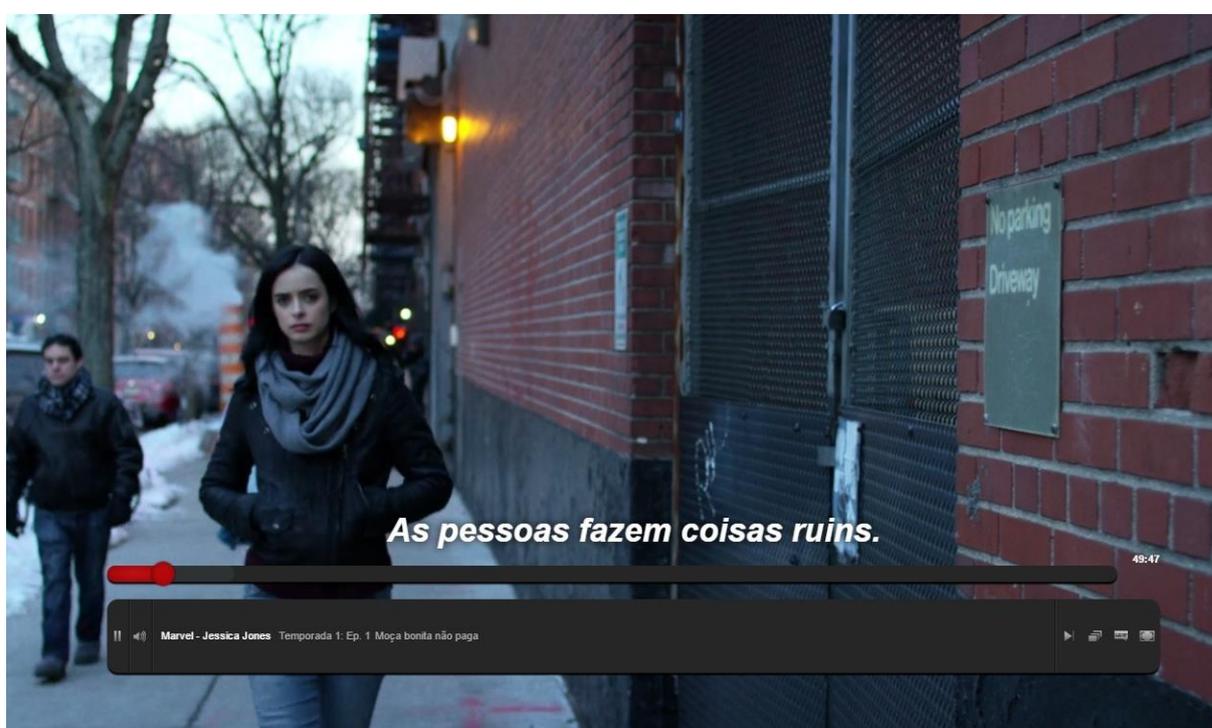


Figura 11- Jessica, em sua aparência, trajando roupas simples, e sem maquiagem

A humanização da personagem é construída ao longo dos episódios, nos aspectos da fragilidade, ao mesmo tempo que ela é independente.

Ademais, Jessica usa seus poderes, porém, ela se machuca, como fica evidenciado no episódio 3 “Codinome Uísque”, que traz seu rosto marcado com uma cicatriz, (Figura 12) deixando claro, que ela é humana, além de ter poderes, e como qualquer pessoa, pode se ferir.

³⁰ Diana Prince é personagem fictícia conhecida como a identidade secreta da original Mulher-Maravilha, ambos os nomes são o alter ego da Princesa Diana da Ilha Paraíso. Descrição do site wikipédia. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulher-Maravilha> > acessado em: 03/set/2016



Figura 12

Outro episódio que deixa claro o lado humano de Jessica, algo totalmente diferente das super heroínas convencionais, são vistos no episódio 11 “Azul para acalmar”, Jessica acaba sofrendo um acidente e fica ferida. Ela afirma com sua amiga que “São só as costelas, sará rápido” (Figura 13). Além desses incidentes mencionados, no episódio que ela foge do hospital, ela é baleada e precisa ser tratada, não deixando claro aqui, os seus superpoderes.



Figura 13

Jessica também foge dos padrões de super-heroína, quando é mostrado que ela bebe demais, evidenciado no decorrer da série, mas principalmente em cenas que deixam claro, como no episódio 10 “Mil cortes”, que focaliza ela bebendo direto da garrafa (Figura 14).

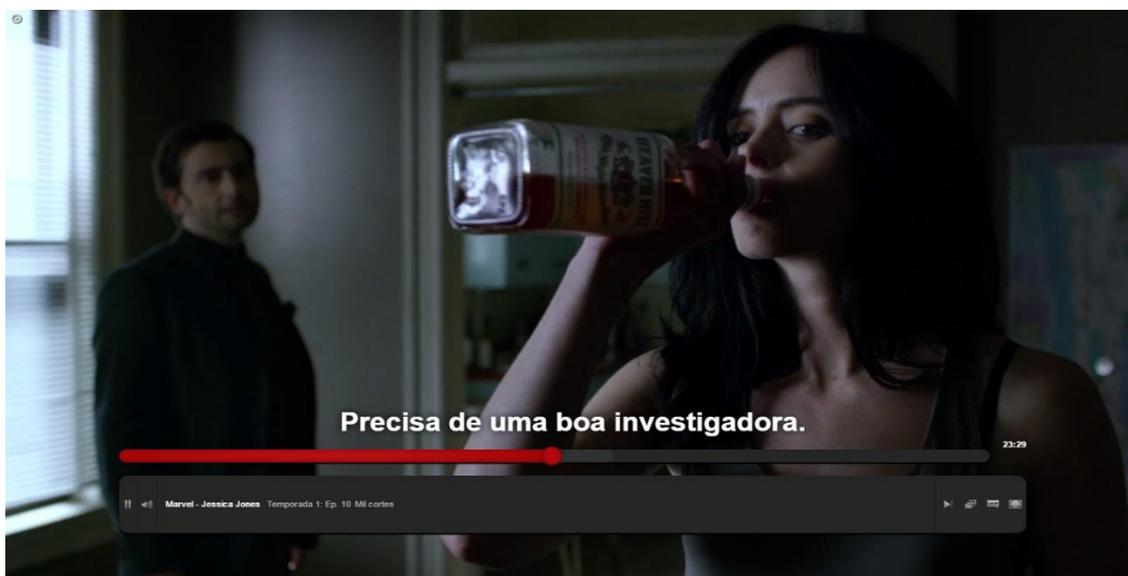


Figura 14- Nesta figura vemos Jessica bebendo e ao fundo o Kilgrave

Ademais, Jessica teme usar seus poderes, desde seu encontro com Kilgrave, e tenta passar despercebida no meio da multidão, mesmo que em algumas ocasiões ela precise fazer uso dos poderes, principalmente quando sua melhor amiga e irmã adotiva Trish³¹ está em perigo. No episódio 5 “O sanduiche me salvou”, Trish fala que Jessica é protetora dela, “Ela é protetora não gosta dos caras com quem eu saio”, deixando evidente uma característica mais heróica, a de cuidar das pessoas, de sua irmã adotiva.

Como mencionado na matéria do site Super Nerd³², “Jessica não é uma heroína para entreter, mas sim para refletir”, ela apresenta diversas características de uma super-heroína fracassada, pois, é evidenciado que ela se esconde, bebe, faz e diz o que quer, tudo isso está relacionado a seu trauma, causado pelo vilão Kilgrave, e sua relação com ele, que é visível, quando, ela quebra o vidro do metrô, apenas ao se lembrar da voz dele a chamando.

³¹ Jessica é sua irmã adotiva, além de melhor amiga.

³² Super Nerd, 04/11/2015- Jéssica Jones, o ícone da mulher real nas HQs. Disponível em: < <http://osupernerd.com.br/quadrinho/jessica-jones-o-icone-da-mulher-real-nas-hqs/> > acesso em : 03/set/2016

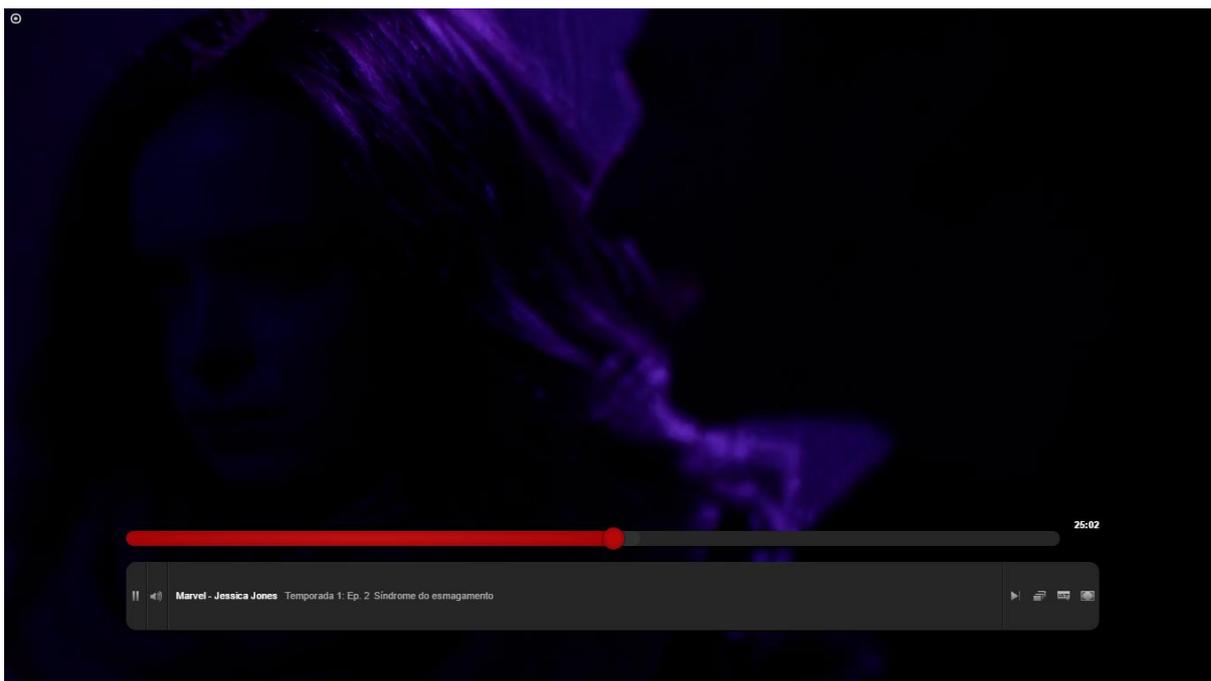


Figura 15- Vulto de Kilgrave na mente de Jessica



Figura 16- Jessica quebra o vidro, em reflexo a lembrança da voz de Kilgrave

Essa relação entre o medo de Jessica a Kilgrave é observada durante a primeira temporada, e será discutida adiante na análise.

4.2.2.1. Relação Jessica e Luke

Luke

A relação entre Jessica e Luke (recentemente a Netflix lançou uma série específica sobre o personagem chamada de “Luke Cage”, que conta a história do Luke), é traçada desde o primeiro episódio “Moça bonita não paga”, Jessica acaba fotografando por conta própria um caso que Luke está tendo, alegando que foi o marido da mulher que tinha pedido. Porém, é descoberto que isso é uma mentira.

Jessica vai várias noites ao bar de Luke, até o dia que ele a encontra e a convida para entrar, entre uma bebida e outra (Figura 17), Jones deixa claro que não flerta, “De novo, eu não flerto eu só digo o que eu quero”, e em seguida transa com Luke. (Figura 18)

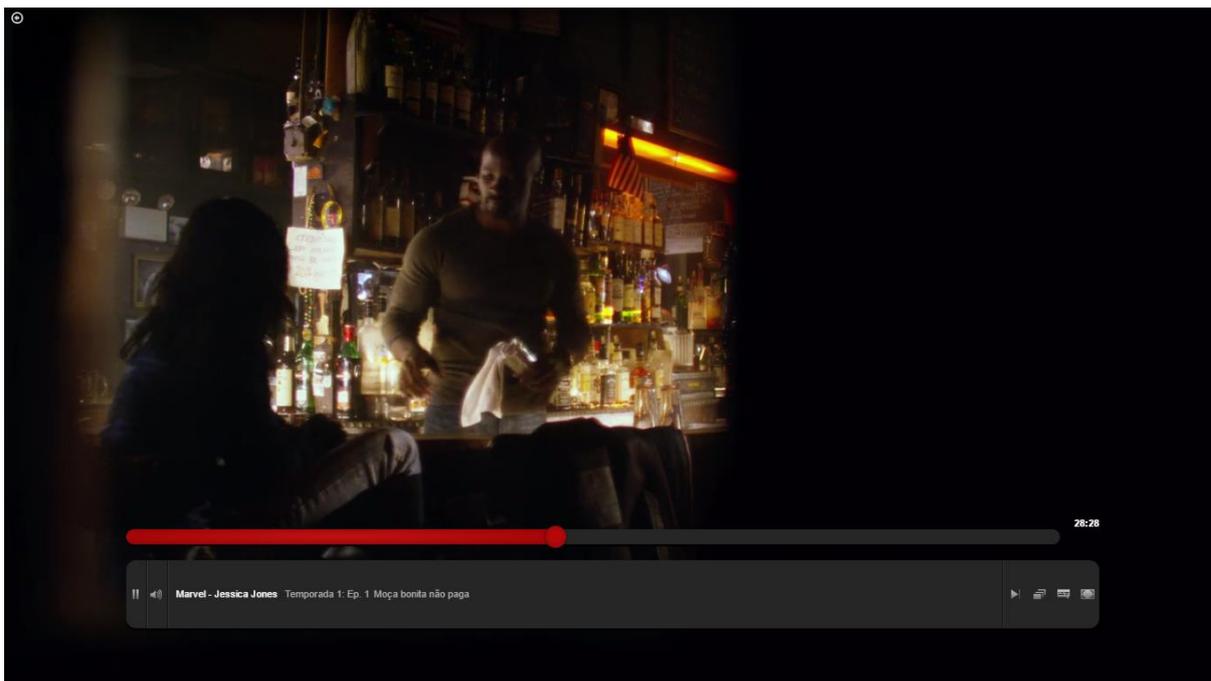


Figura 17

Jessica é construída em uma série que foi elaborada para demonstrar o poder feminino, levando a uma quebra de estereótipos em relação a postura feminina, sendo assim, a atitude dela de ser decidida em relação ao seu corpo, reafirma uma garantia de espaço e a possibilidade

de luta e se pôr na sociedade, podendo deixar claro as suas opiniões, e pensamentos, “ela é dona do seu corpo e de sua vida sexual”, como é escrita na matéria da Carta Capital³³.

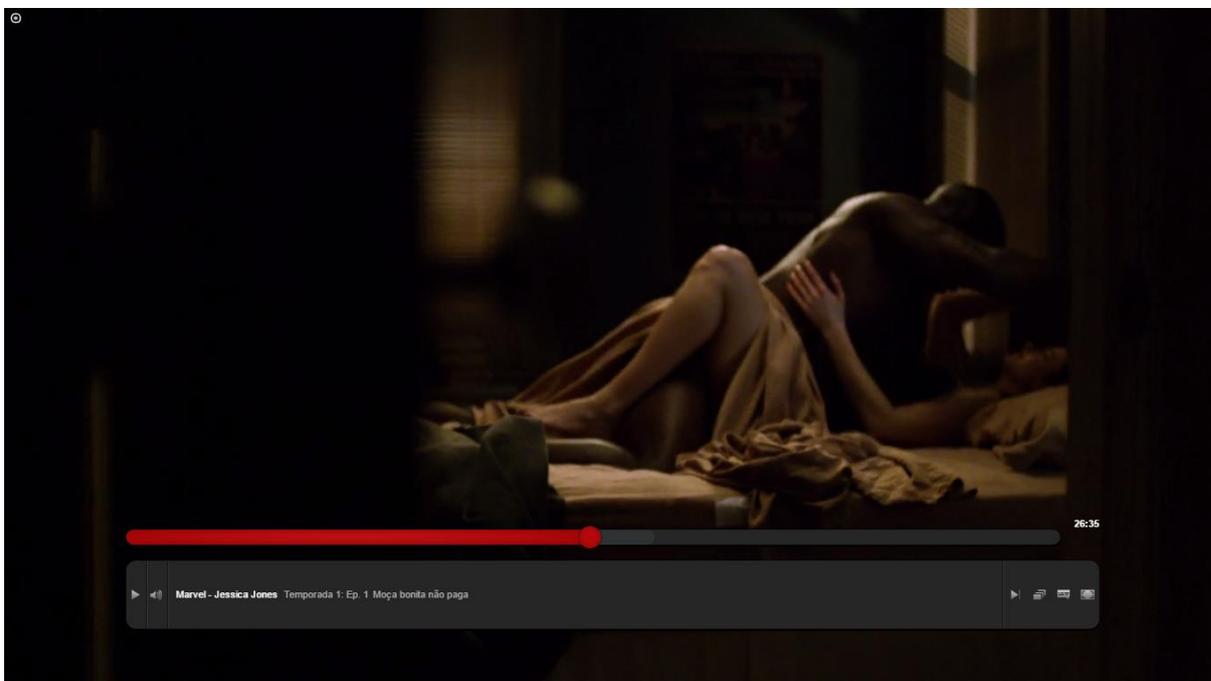


Figura 18- Depois da primeira conversa, Luke e Jessica, transam.

Jones em sua relação com Luke, deixa claro que o conceito difundido *Girl Power*, como o de uma nova mulher, que não é ligada a padrões e sim ao seu ser social e de posse do seu próprio corpo como já mencionado anteriormente.

Após o primeiro episódio, Jones e Luke, vivem uma relação de amor e ódio, pois, quando ela vê a foto no banheiro da ex dele, ela percebe e recorda que foi a mulher que ela matou, quando estava sobre controle de Kilgrave, isso ocorre no episódio 3 “Codinome Uísque”.

Luke nota a mudança de Jessica, mas ela se afasta definitivamente, sem mencionar o que aconteceu, até o episódio 6 “Você Ganhou!”, quando Luke a procura para ajudá-lo a resolver um caso. No fim do episódio, ela conta que foi a responsável pela morte de Reva (ex-mulher de Luke).

Jessica tenta parecer uma mulher forte, tentando deixar de lado seus traços delicados, porém é perceptível que quando ela está com Luke, ela deixa transparecer, se sentindo exposta.

³³ Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/cultura/jessica-jones-e-a-possibilidade-de-se-enxergar-em-uma-heroina-6897.html> > Data da Matéria: 03/12/2015. Acessado em: 04/ago/2016

Em sua fala no último episódio (13) “Sorria!”, ela está deitada no peito de Luke e ele está inconsciente, e ela diz (Figura 19),

pensei em você, eu sabia que nunca iria acontecer, mas não pude evitar imaginar nós dois em um encontro romântico, jogando boliche, coisas normais, é a primeira pessoa com quem imaginei o futuro. Também é a primeira pessoa em quem atirei na cabeça. Quando você acordar não estarei por perto para arruinar a sua vida, provavelmente estarei morta, mas talvez Kilgrave também esteja. Eu teria gostado desse futuro.

Deixando transparecer seus sentimentos e sua feminilidade, se correlacionando ao conceito difundido do *Girl Power*, que evidencia que mesmo com toda a força, a mulher pode ter seu lado feminino, desconstruindo um lado do empoderamento feminino que sai do preceito que a mulher precisa ser independente e não transparecer seus sentimentos.

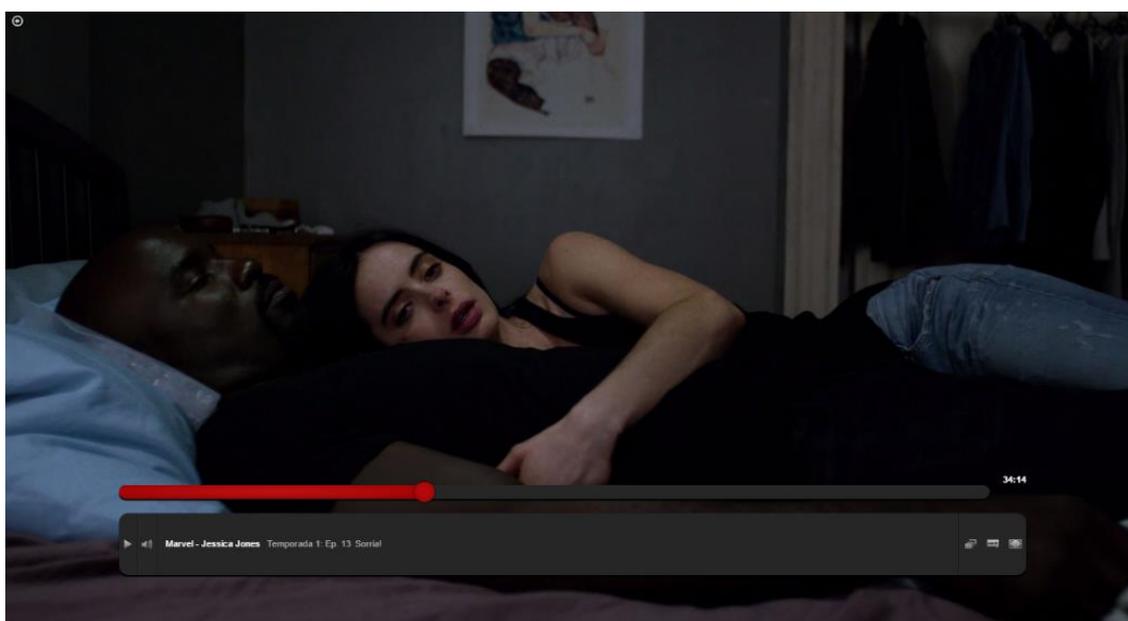


Figura 19- Jessica deixa transparecer seus sentimentos e fragilidade

4.2.2.2. Relação Jessica e Kilgrave

Kilgrave

Kilgrave é o grande vilão da história, ele tem o poder de controlar as pessoas, há um ano (de acordo com o seriado), ele controlou Jessica Jones, e a fez fazer tudo o que ele queria.

Kilgrave é a caracterização do homem que acaba forçando as pessoas, e subjuga as mulheres. Jessica é a vítima que ele se apaixona, no episódio 8 “O que Jessica faria”, acontece

o diálogo, que evidencia o estupro que Kilgrave fez com Jessica, “-Fazíamos bem mais do que só tocar as mãos/ -Isso se chama estupro/-Ficar em hotéis cinco estrelas, comer nos melhores restaurantes. ” (Figura 20). Deixando claro as agressões que ele fazia em cima dela. Apenas a lembrança dele a apavora, não apenas ela, mas todos os que já tiveram contato com ele. Além disso, para Kilgrave, o estupro não passou de nada, ele vê como algo normal, banal, e não entende o que essa atitude causou em Jessica. Ele culpa não saber quando as pessoas estão querendo por vontade própria.

É notável também, que quando Jones, fala do estupro, sua fisionomia fica assustada, pois a experiência traumática, a marcou de uma forma intensa, atitude que é verossímil com a realidade de mulheres que sofrem essa agressão.



Figura 20- Jessica deixa claro que ele a estuprava.

Kilgrave é um personagem complexo, ele sofreu experiências científicas quando era pequeno, seus pais estimulavam os poderes dele, mesmo que o torturassem para que isso acontecesse.

Mesmo com floreio, o personagem se correlaciona com a realidade, trazendo a agressão psicológica à tona, uma agressão que ele pratica em cima de Jessica, além da agressão física como o estupro citado acima. Voltando-se para a agressão psicológica é evidenciado outro paralelo com o mundo “real”, pois essa forma de tortura está sendo muito utilizada por agressores.

A relação de transtorno e de medo que Jessica tem com ele é retratado em surtos e cenas focadas, como a primeira vez que eles se encontram no episódio 3 “Codinome Uísque”, quando é focado o rosto dela ao vê-lo pela primeira vez. A obsessão dele por ela é tão grande, que no decorrer desse episódio ela descobre um quarto, repleto de fotos dela. (Figura 21)

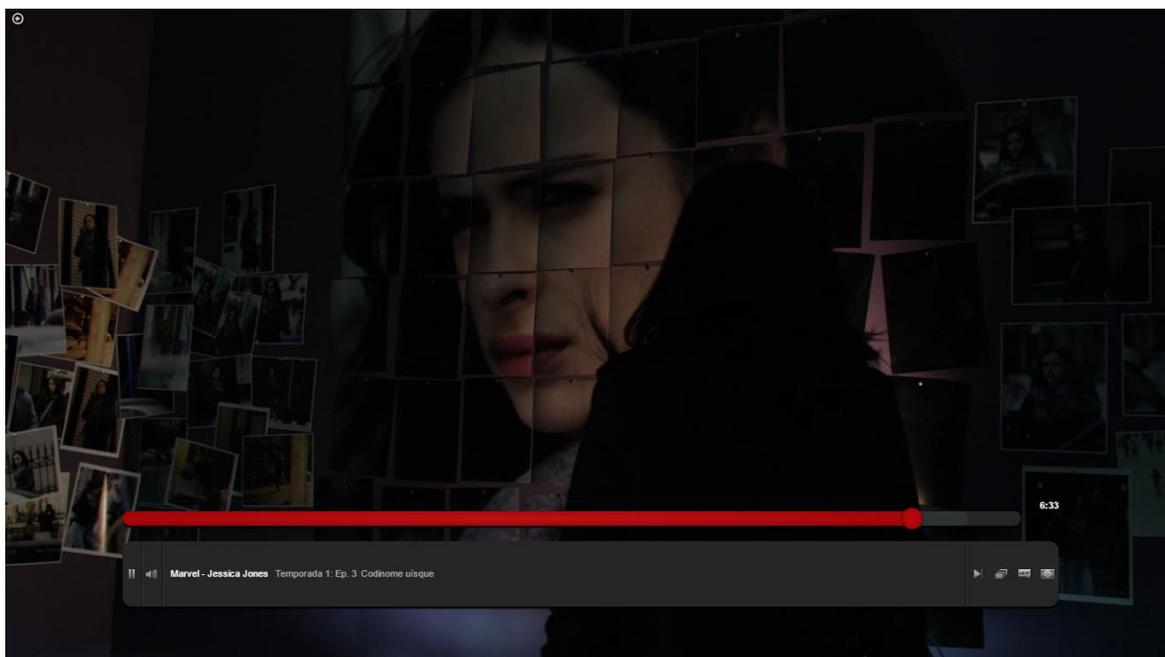


Figura 21

Obsessivo, controlador, Kilgrave reúne elementos de um homem que não aceita um não como resposta, que não mede esforços para conquistar o que quer, a todo custo, principalmente a submissão da mulher (Jessica).

Essa correlação com a sociedade, faz com que, essa relação seja humanizada e até mesmo vista como algo real, que acontece nos dias de hoje. A representação do homem possessivo, em um relacionamento abusivo.

É inegável que Kilgrave pratica além do estupro, uma pressão negativa na vida da personagem, pois ao mostrar flashes de quando Jessica ainda não o conhecia, percebemos uma mulher que se arrumava, que não tinha medo das sombras, e após a experiência negativa com Kilgrave, ela fica abalada, outro ponto que se correlaciona com a realidade, de mulheres que sofrem algum transtorno, por causa de um homem, de um relacionamento.

4.2.2.3. Atitudes no Trabalho

Jessica Jones possui sua própria agência de investigação, paralelo a seu trabalho com a advogada Hogarth. Em sua agência, ela seleciona os casos que irá trabalhar, logo nos primeiros minutos do primeiro episódio, ela está trabalhando em um caso e quando o cliente se exalta, ela o atravessa pela janela da porta. (Figura 22)



Figura 22- Cliente sendo jogado pela porta, ao gritar com Jessica

Jessica foi construída em relação ao trabalho, com uma maior independência de ação, um pouco do emprego do *Girl Power*, além é claro, ela se faz uma mulher empoderada, pois ela possui sua própria “firma”, ela trabalha, e não depende de ninguém para se sustentar.

Após o primeiro caso, outro aparece, ao longo do primeiro episódio, “Moça bonita não paga”, os pais de Hope, a procuram, pois, sua filha está desaparecida (Figura 23). Hope desapareceu da faculdade e seus pais recebem uma indicação para que procurem Jessica, pois segundo eles, ela era a melhor em encontrar pessoas. Hope é o caso que mais aparece ao longo da temporada, ela era uma aluna aplicada que se destacava no esporte, o que fez dela, alvo do Kilgrave.

Jessica procura saber quem a indicou, e acaba não descobrindo de fato. Quando começa a investigar ela percebe as associações do caso de Hope com ela mesma, quando foi manipulada e controlada por Kilgrave, essas associações se dão pelo modo do sumiço, o restaurante, que a remete a flashbacks da época que Jessica esteve com Kilgrave.



Figura 23- Pais de Hope a procuram

Ao perceber a diferença, ela primeiro tenta fugir, mas acaba sendo dissuadida por Trish, e resolve salvar a garota. Porém, não consegue fazer com que Hope escape dos domínios mentais do Kilgrave, pois, Hope está controlada e assassina seus pais.

Outro caso que ocorre, acontece no episódio 6 “Você Ganhou!”, quando Luke a procura para que ela possa ajudar a resolver o sumiço de um garoto, apenas para poder descobrir quem estava envolvido com a morte da sua esposa. (Figura 24)

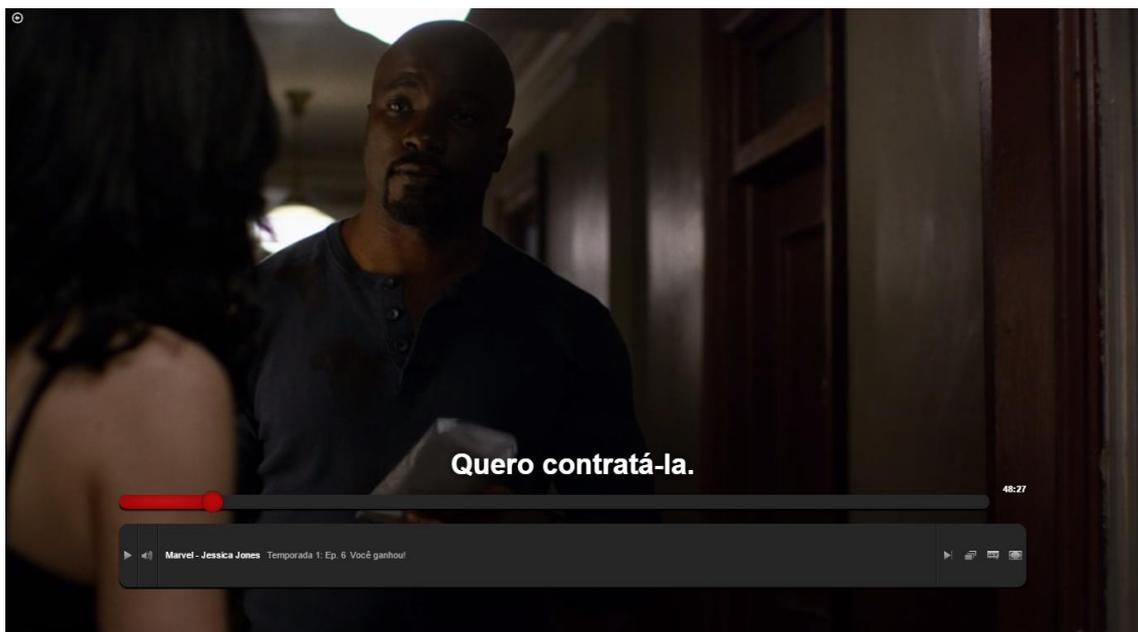


Figura 24- Retorno de Luke a série, trazendo um caso para Jessica

Além desses casos, Jessica trabalha para Hogarth (Figura 25), e é impulsiva, deixando transparecer que não respeita as ordens de sua chefe, ou os meios para realizar as tarefas.



Figura 25- Jessica e a relação intensa com sua chefe

Voltando ao primeiro episódio, Hogarth, pede para que Jessica faça uma cobrança e ela acaba assustando Sphेरis (Figura 26), fazendo com que ele receba a intimação. Seus métodos nada convencionais, comprovam sua rebeldia ao lidar com as normas, característica original do termo *Girl Power*.

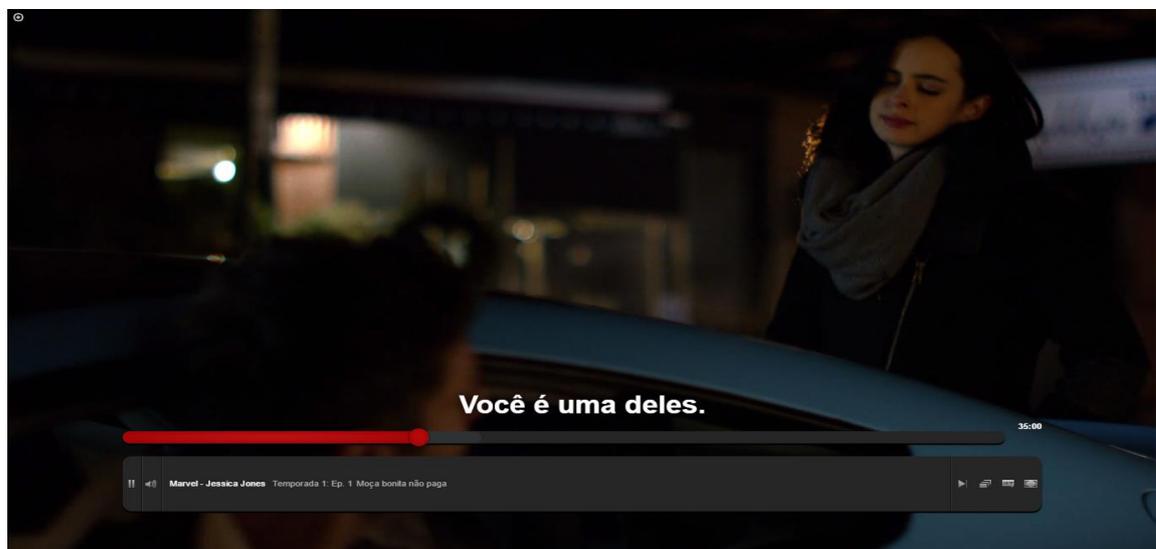


Figura 26-Jessica levantando o carro com suas mão

4.2.2.4. Independência de fala

Jessica tendo sua representação construída em uma mulher empoderada, não controla o que pensa e fala aquilo que precisa, sem se importar ou até mesmo respeitar seus “superiores”, como a sua chefe.

Essa rebeldia, essa vontade de querer se expressar de autoimagem e uma confiança positiva se relaciona com a ideia de empoderamento feminino defendida por Landerdahl, Vieira, Cortes e Padoin.

Jones se expressa, ela se impõe, luta para conquistar o seu espaço, por meio de falas e ações, principalmente com falas, no episódio 5 “O sanduíche que me salvou”, o episódio leva a um flashback de quando ela trabalhava, e quando seu chefe se aproxima e a questiona, ela o enfrenta, deixando claro que sabia o que ele fazia de ilegal “Qual é a palavra, desfalque ou é outra com D, delito” (Figura 27), em outro momento, no episódio 10 “Mil Cortes”, sua chefe pede sua ajuda, após ter ajudado a libertar Kilgrave e Jessica responde dizendo “Se vire sozinha”.

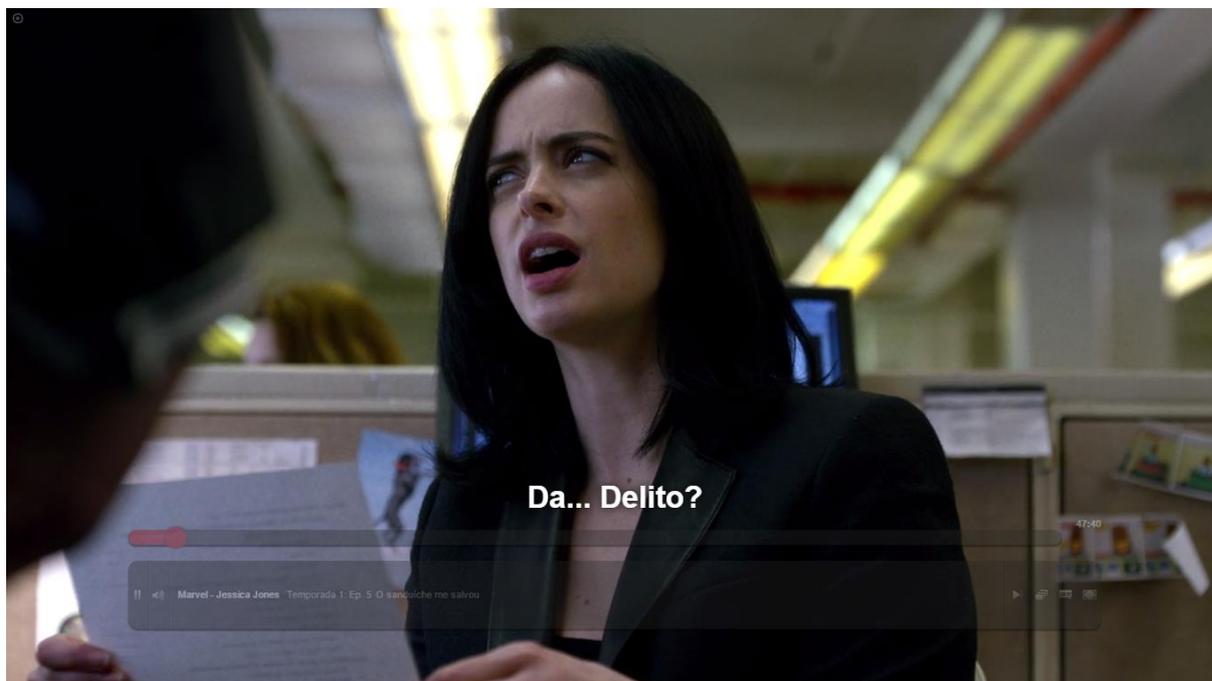


Figura 27- Jessica não controla o que fala, ela apenas faz uso do seu direito de se expressar.

Jessica possui sua própria agência e aceita apenas os casos que acha adequado, ela nunca quer ser vista como heroína, e no fim do episódio 13 “Sorria! ”, o telefone começa a tocar por pessoas a pedindo ajuda e ela ignora. Ela age da forma que quer, e consegue construir sua

independência de fala, seja no trabalho, ou em seus relacionamentos de amizade com Trish e Malcolm. Dessa forma, sendo independente, Jessica se correlaciona com a intenção do início do movimento *Riot Grrrls*, que promoveram sujeitos femininos mais confiantes.

4.3. Análise da construção da representação da Jessica Jones no contexto midiático Girl Power

A construção da representação da personagem Jessica Jones é feita a partir da ideia do conceito midiático *Girl Power*, porém, ao longo da primeira temporada, nota-se que é uma elaboração através de preceitos, que se relaciona quando o termo começou no movimento *Riot Grrrls*. Pois naquela época, a ideia era traçar uma mulher independente, mas que não deixasse de lado sua fragilidade, sua feminilidade. Algo presente em quase todos os momentos, mas não em sua totalidade, pois, quando Jones está com Luke ela fica exposta, algo perceptível e manipulado por Kilgrave.

Outro ponto que liga a construção da representação à ideia original do conceito, é a rebeldia que é desenvolvida na personagem, ela é de fato, uma heroína em decadência. Além disso, ela bebe, tem posturas próprias, não aceita ordem, apenas quando é para salvar as pessoas do Kilgrave.

De fato, ela é desenvolvida num cenário *Girl Power*, mas não leva consigo marcas de outras representantes, como a construção em torno da cantora Anitta, ou de outras heroínas, como a Mulher Maravilha. Jessica é única, ela é uma mulher mais real, uma mulher humanizada, empoderada, mas humana.

Jessica também apresenta diferenças do conceito midiático, pois em muitas vezes ela duvida dela mesmo, ela tem medo, como no primeiro episódio “Moça bonita não paga”, Jessica fica com medo da volta de Kilgrave e pede para sua amiga dinheiro para que possa sair do país. (Figura 28)

Jones durante a primeira temporada, apresenta diversas características, que ajudam a difundir e desconstruir conceitos midiáticos, essa proposta da personagem ser mais humanizada, mais próxima do real, ajuda na construção e na relação com o social.



Figura 28- Jessica, tem medo de encontrar Kilgrave

Representações como a relação e a construção de Jones se assemelham à realidade, assim a tornando responsável por uma identificação pela narrativa, e isso evidencia a correlação com o real e a importância de trabalhar esta personagem, que é complexa, cheia de altos e baixos, uma “heroína” que consegue se relacionar com a fragilidade e o medo de muitas mulheres que já sofreram agressões. Acima de tudo, Jones é uma junção de diversas mulheres, não apenas de uma, deixando assim, um objeto complexo, mas que ajuda a difundir essa quebra de paradigmas.

Esse conceito de representação, como foi discutido no capítulo 1, é amplo, de acordo com França (2003), desse modo a personagem ajuda a desconstruir ideias, que são mutáveis, pois ainda segundo o conceito, representar depende da época e dos acontecimentos que estão reverberando na sociedade (FRANÇA, 2004).

Contudo, representações são sempre um recorte, um signo, de determinado assunto, de uma determinada questão que está em auge (FRANÇA, 2004). Dessa forma, Jessica Jones como supracitado se assemelha as mulheres da sociedade, pois, é uma imagem, um signo, de diferentes construções de mulheres, seja pelos seus atos ou sua performance ao longo da primeira temporada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho foi observado que a construção da personagem Jessica Jones é mais humanizada, ela traz traços de uma mulher empoderada, uma mulher que tem suas próprias ideias, mas que é percebível mais humanidade, descaracterizando alguns postulados do empoderamento, notado durante a análise das categorias do estudo, como a sua caracterização e suas atitudes diante de Luke e principalmente sua relação perto dos amigos e do vilão.

Ainda na análise das categorias é perceptível que ela se enquadra no conceito de heroína fracassada, durante a primeira temporada, nos momentos que é notável sua fuga, seu medo de usar seus poderes, por receio da volta de Kilgrave. Ela se esconde e se entrega a seus vícios, se afastando de pessoas que sempre estiveram a sua volta.

O termo *Girl Power* é de fato empregado em sua elaboração, porém, não em sua totalidade, deixando claro, que ela é uma personagem complexa, que não se enquadra apenas na representatividade de um termo.

Jessica é construída se correlacionando com a realidade, tentando quebrar um estereótipo que é empregado num corpo social. Sendo uma personagem ampla, ela transita dentro dos conceitos estudados, pois é percebível que ela é uma junção, feita para se associar a diversos tipos de mulheres, não apenas a uma específica. Ela não tem uma identidade definida, não tem confiança na maioria das vezes e pensa criticamente para falar.

A personagem bebe, é rebelde, impõe em alguns casos a sua opinião, luta para que ela seja feita, mas, também sofre medo, angústia, se fere, evidenciando uma mulher que mesmo empoderada, é frágil, é humana. Ela não se arruma, não se produz, tem posse do seu corpo e o usa da sua forma.

Com todas essas características encontradas durante o estudo, é percebido, dessa forma, como falado anteriormente que ela não se enquadra apenas na construção do *Girl Power*, Jessica pode ser considerada a junção de diversas personalidades, o que a deixa mais parecida com a realidade, um ponto que levou a personagem a ser mencionada em matérias, conversas, e textos, sendo difundido na mídia.

Jessica é como muitas mulheres, ela trabalha fora, ela possui seu próprio emprego, ela não se importa com as opiniões de terceiros, se passa como revoltada, porém, paralelamente a isso, ela se mostra frágil ao se envolver com um homem e teme gostar de alguém. Situações vistas em sua relação com o Luke e com a sua irmã adotiva, pois perto dela, Jessica teme que Trish se machuque.

A produção midiática ajudou a difundir o termo *Girl Power*, mas é necessário lembrar que não é empregado em sua totalidade na construção da personagem, Jessica é a representação da mulher humanizada, que carrega consigo marcas vividas, ao mesmo tempo que luta por seu espaço, cada dia, cada momento. Ela quer viver, ela quer amar, ela quer ser forte e respeitada, acima disso, ela quer viver sem ter medo de alguém, nesse caso, Kilgrave, que é a construção do homem terrorista, que assombra e agride fisicamente e psicologicamente Jones.

Ao analisar como a construção da personagem Jessica Jones, no conceito midiático *Girl Power*, ficou evidenciado e explícito, que mesmo com a ideia das produtoras de trazerem uma série abordando uma personagem empoderada, Jessica é acima de tudo como qualquer pessoa que vive, pois ela comete erros, acertos, tem dúvidas, e não tem certeza de todas as suas ações, principalmente as que envolvem questões ligadas as outras pessoas, seja no âmbito pessoal ou público.

Desse modo conclui-se que, ela representa uma parte do *Girl Power*, mas que acima disso, ela é a construção de diversas personalidades, que podemos encontrar no nosso dia-a-dia, de mulheres que estão lutando, sofrendo agressões, e tentam expor o que acontece em suas vidas, essa é a construção em torno de Jessica. Uma heroína em decadência, mas que mesmo assim, levanta todos os dias e segue sua vida, de fato, se assemelhando a realidade.

Além disso, a produção do seriado e da composição da personagem, ajuda a desconstruir um pouco a imagem de uma mulher perfeita, pois como mencionado acima, a personagem traz características de diversas mulheres, não apenas de uma construção de representação. Caso este, que ajuda na elaboração e aproximação com o público.

Jessica é construída como uma personagem complexa, e uma heroína fracassada. Fato que ficou evidenciado, após o trauma causado pelo estupro e controle mental de Kilgrave.

Além disso, sua relação de amor caracterizada pelos momentos com Luke e o ódio em momentos ao lado de Kilgrave, e suas atitudes de beber, ser agressiva, mas ao mesmo tempo se sentir frágil, são características que se contrapõem, deixando claro que a personagem quebra padrões estereotipados pelas representações, como já dito, criando um paralelismo grande com o social.

Com tudo isso, Jessica é de fato uma mulher complexa, não apenas a representação de uma pessoa e sim, características de diversas mulheres, fato que ajuda na quebra de conceitos e de imagens da representação feminina, ajudando a desconstruir padrões consagrados, como por exemplo o “bela, recatada e do lar”³⁴.

³⁴ Alusão a matéria publicada pela revista VEJA em 18 de abril de 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em : 24/ago/2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Ryan Brandão Barbosa Reinh; PIMENTA, Francisco J.Paoliello- **Dont't stop believin'**-Glee e a manifestação dos losers- 2011
- AQUINO, Petilda Serva Vazquez e Silva; SCHEFLER Maria de lourdes; ALVEZ Ivia- **Travessias de Gênero na perspectiva feminista**- 2010- REIS, Jussara- Políticas para mulheres, transversalizar é preciso.
- BAPTISTA, Maria Manuel- **Estereotipia e Representação social**- uma abordagem psico-sociológica
- BARDIN, L- **Análise de Conteúdo**, Edição 70 Ltda-1977
- BEZERRA, Alexandre Silva- **A imagem feminina em sex and the city**: Uma Análise de transitividade da narração.
- BEZERRA, Amilcar; AUGUSTO, José- **Influência do feminismo nos games**: Um estudo de caso com a personagem Lara Croft.- 2014
- BUGAD, Fernanda Elouise- **Era uma vez**: percorrendo a narrativa midiática *de Once Upon a Time*- Dezembro 2013
- CASADEI, Eliza Bacheга, **O punk não é só para o seu namorado**: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl, 2013.
- CELESTE, BECKER, FERREIRA e MELO- **Processo de empoderamento feminino** mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil- 2013. . Escola Anna Nery, Jun 2013, Volume 17 N° 2 Páginas 306 – 312
- COSTA Tatiane- **O Show das poderosas**: Anitta e a performance do sucesso feminino-2013
- COUTINHO; Lidfa Miranda; QUARTIERO, Is Elisa Maria- **Uma representação midiática de jovem e escola**: a telenovela malhação e seus modos de endereçamento.
- FARAGO, Cátia; FOFONCA Eduardo-**A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin**: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações
- FAVORETTO Julia; BAKKER Bruna; RIBEIRO Ana;- **Pitty**: uma imagem midiática e celebridade da indústria fonográfica no mercado juvenil- 2007
- FERNADES; Paula- **Entre o virtual, o social e o emocional**: relações online entre fãs da série de TV *Glee*- 2015
- FERNANDES, Paula- **Losers like me**: a influência da série de TV *Glee* e o grupo “Glee Brasil”- 2014
- FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruna; MENDES, André- **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)**: Trajetória, conceitos e pesquisa da comunicação- PPGCOM-UFMG 2014
- FRANÇA, Vera-**Representações, mediações e práticas comunicativas**- PUC-RIO- 2003
- GERBASE Carlos- **A Elipse como estratégia narrativa nos seriados de TV**- 2014
- GUIMARÃES, Maira- **O universo feminino à luz de Simone Debeauvoir**: Vida, Ficção e Teoria. – 2015

- GOMES, Diego Aparecido Alves- **Intertextualidade e tradição nas histórias em quadrinho contemporâneas**: dialogismo e pensamento estético- 2009
- JUNIOR, Eduardo Cândido do Nascimento- **Twin Peaks**: Análise da série sob a ótica do interacionismo simbólico e das representações sociais- 2013
- LAHNI, Cláudia Regina; ASSIS, Ryah Brandão Barbosa Reinh; AUAD, Daniela- **Homessexuais em série de tv**- reflexões sobre Glee -2013
- LOPES, Romildo Sergio- **Representação da identidade negra nas histórias em quadrinho**- 2012
- LUÍS TEIXEIRAS, Lindomar- **A Emancipação E O Poder Feminino**. 2013
- MAGALHES, Henrique; SOARES, Marcelo- **Fragments de Jessica Jones**: a imagem feminina em Alias Codinome Investigações.- Setembro de 2014
- MARINS, Luciado de Andrade; PERL, Lara Regis Lins; ROTONDANO, Crolina Filgueiras; MASSAROLO, João; MESQUITA, Dario- **Imersão em realidades ficcionais**.
- MATOS, Patrícia- **O nerd virou cool**: identidade, consumo midiático e capital simbólico em uma cultura juvenil em ascensão- 2011
- MOREIRA, Lilian Fontes-. **A narrativa seriada televisiva**: O seriado Mandrake produzido para a TV a cabo HBO- outubro 2007
- MOTTA, Luiz Gonzaga- **A análise Pragmática da Narrativa Jornalística**- 2005
- MUNIOLI, Maria; PELEGRINI Cristian- **Narrativas Complexas na ficção Televisão**
- NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo- **Dinâmicas narrativas de Império**: analogias do real na ficção televisa- Jan-Jun 2016
- NOGUEIRA, Natania A. Silva- **Representações Femininas nas histórias em quadrinho da EBAL**- 2010
- NORMANDO, Jullena; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa- **Ficção e realidade**: direitos da mulher em “A Favorita”. -2009
- PAULA, Taylla Veiga; SILVEIRA, Alana Silva; GOMES, Maria Mota- **As (Des)casadas**: Representações da Mulher Independente na Ficção Televisiva da Rede Globo- 2015 -2014.
- PEÑUELA Canizal, E. **Manifestação de recursos poéticos em dois filmes do Cinema Novo**. Rumores. Ano 1, edição 1, número 1, julho-dezembro de 2007.
- PINTO, Rafael Mendonça Lisita- **Trans-per(form-ação)**: Aa poéticas visuais de Lady Gaga e uma nova política de gêneros.
- POLTRONIERI, Francielli Rubia- **Terceira Mulher somos nós? Uma análise sobre a identidade da mulher contemporânea**- Março de 2016
- PRADO, Márcio Roberto; SANTOS. Rosemeire- **A imagem do negro em heróis da Marvel Comics**- 2013

RECUERO Raquel - **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo**: Elementos para discussão In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. , p. 1-269.

RESENDE, Fernando- **O jornalismo e a enunciação**: perspectivas para um narrador-jornalista

RIBEIRO, Jessyka K.A., COSTA, Jussara C., IDALINA M.F.L., **UM jeito diferente e “novo” de ser feminista em cena, o riot grrrl**- 2012

SACCOMORI, Camila- **Qualquer coisa a qualquer hora em qualquer lugar**: as novas experiências de consumo de seriados via Netflix.- Abril 2015

SACCOMORI, Camila- **Práticas de Binge-watching na era digital**: Novas experiências de consumo de seriados em maratonas no Netflix

SANTOS, Pedro Cavalcante – **Atravessando a linha**: As teorias da comunicação na série televisiva How to get away with murder- Brasília 2015

SILVA, Marcel Vieira- **Cultura das séries**: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade- Junho 2014

SOARES, Juliano Martins- **Cultura de grupo na cultura seriada**: Reflexões sobre a representação da identidade gay masculina no seriado Looking- Abril 2015

SOARES, Muríllo César- **Representações e comunicação**: uma relação em crise.

SOUZA, Patrícia- **Análise da representação do jornalista nas histórias em quadrinho de TinTim**- 2015

TELLES, Vera da Silva- **Espaço Público e espaço Privado na constituição do Social**: Notas sobre o pensamento de Hannah Arendt

TONDATO, Marcia P.; BASTOS, Bruna F.; COELHO, Pietro G.N.- **Transmidialidade: narrativas televisivas ficcionais**- A “Segunda tela” de papel- 2014

TONDATO, Marcia Perencin- **Identidade feminina e inserção cidadã**: um estudo das representações midiáticas da intersecção mulher-trabalho-idade de-consumo em uma obra televisiva ficcional. -2012

TOLEDO, Ana Clara; MENARDI, Betânia; MOLINA, Carolina Soares; MILANEZI, Maicon Faria- **A relação do fã e a mídia**: participatividade e influência.

TOLEDO, Soares Ludmila- **Representações Femininas na literatura de Fantasia**: Uma análise sobre a construção das personagens femininas em “As Crônicas de Gelo e Fogo”- 2014

TOMAZ Renata, **Construções de uma beleza feminina**: tweens, corpo e Girl Power- Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio 07, 08 e 09 de novembro de 2012- Universidade Federal do Rio de Janeiro

XAVIER,Philippe; SOARES Thiago- **O estilo de vida Indie na série Girl’s**- 2013

ANEXOS

Anexo 1- Super Nerd - Jessica Jones, o ícone da mulher real nas HQs (04/11/2015)

Quando somos fãs de algumas editoras, também somos capazes de conhecer inúmeros personagens, mas nem sempre conhecemos intensamente cada um deles. Essa é minha história com Jessica Jones, sempre ouvi o nome por aqui, por ali, porém nunca adentrei no universo da personagem, até... eis que surge o anúncio da série, de mesmo nome, produzida pela Netflix. Minha curiosidade nerdsse sobressaiu e parti rumo a jornada de extração sobre o máximo de Jessica Jones.

Jessica Jones é a incrível personagem Marvel que, por adentrar em um mundo mais adulto, não alcançou a devida exposição.

Em relação a tantos nomes estabelecidos dos quadrinhos, Jessica Jones é apenas um bebê diante a mare de criações. Com sua estreia nos quadrinhos em Novembro de 2001, a personagem completa esse mês seus 14 anos de existência dentro da cultura nerd. “Alias” a série de Jessica Jones, apresentou uma espécie de heroína mais conectada com o lado forte do público feminino e transformou a forma da Marvel em tecer os seus quadrinhos.

Com o grande público, podemos fazer conexões com a Mulher-Maravilha, da DC Comics, ou até mesmo a Capitã Marvelem menor escala, da Marvel Comics, como a representação forte do sexo feminino dentro das HQs. Mas, ao imergir dentro das páginas de Alias, o choque de realidade é intenso para uma sociedade que ainda inferioriza o papel da mulher. Jessica Jones não é uma heroína feita para entreter, mas sim para refletir. A representação máxima da mulher ideal, em um cenário sombrio repleto de tabus e temáticas que sintetizam a essência da sociedade moderna.

O criador e roteirista da série, Brian Michael Bendis, conseguiu estabelecer uma quebra de estereótipos fascinante durante as 28 edições da personagem lançadas entre 2001 e 2004. Edições, aliás, que exigiram da Marvel a criação de uma linha de quadrinhos só para adultos para garantir as publicações: a Max Comics. Mesmo com uma linha especial e separada, Alias emergiu em um emaranhado de polêmicas ao apresentar um conceito nu e cru

da realidade. Logo em sua primeira edição a série expõe um baita palavrão e marca a polêmica cena de sexo entre Jessica e Luke Cage – que provavelmente também será retratada na série.

Ao começar a ler as várias e várias páginas de Alias fui surpreendido com a típica história que os quadrinhos, e qualquer outra mídia, de fato merecerem. Como um nerd, histórias para entreter são ótimas, elas divertem, fazem o tempo passar e atuam como fuga a nossa própria realidade, porém Jessica Jones é mais. Uma história que faz qualquer nerd pensar e, inclusive, refletir sobre o ideal da mulher forte, assim como, a existência de uma série de quebra de tabus e estereótipos.

Jessica Jones é uma personagem complexa, com uma trajetória complicada e perturbada. A mulher amargurada com um misterioso passado que sempre a continua atormentando nos momentos mais solitários. Para sobreviver no mundo, Jessica atua como detetive particular em sua própria agência, a Alias Investigations. Uma heroína fracassada que teve que sucumbir a vida humana e “*esquecer*” o fato de possuir super-poderes. Jones é a máxima da mulher real por apresentar não uma mulher frágil, mas complexa, com uma carga emocional pesada e o ideal da independência.

Diferente da maioria das super-heroínas, Jessica não precisa de apoio. Ela conquista seu próprio espaço, dentro do Universo Marvel, sem precisar usar o tom de saídas através de clichês a fim de suavizar ou fragilizar a personagem. Tudo isso marcou a presença e importância de Alias para os quadrinhos e para a Marvel Comics, uma série que ainda chama atenção no universo adulto dos quadrinhos – aliás, por este motivo, sugiro que você leia o quadrinho apenas se for uma pessoa consciente e sensata, o que mais tem faltado na cultura nerd. A série lida com questões pesadas.

Não quero revelar muita coisa, o incrível sobre Alias é a possibilidade de ir conhecendo a protagonista aos poucos e entendendo cada vez mais sobre ela. Porém, posso afirmar que todos os arcos desenvolvidos durante as 28 edições da série são bem executados. Cada um deles se baseiam em grandes casos investigações que acabam conectando a personagem com o Universo Marvel. A fórmula utilizada no roteiro de Alias contribui para a personalidade da série, histórias repletas de investigações e plot twists intensos, mas por outro lado, absentes de ação – com exceção de algumas poucas cenas.

Cercada por todos esses fatores discutidos na matéria, Jessica Jones é espetacular. O melhor é a conexão criada com o público feminino, de forma a identificá-lo como igual e não ver gênero, pele ou o que for. As mulheres *nerds* ainda precisam de ícones fortes dentro da cultura pop e Jessica Jones compre esse papel. Me surpreendi ao conhecer a personagem e já me tornei um fã nato pelo conteúdo apresentado. Esse artigo está longe de ser a representação de uma crítica, ou review sobre a série, mas apenas uma reflexão do potencial que as mulheres têm dentro da cultura pop, mas que ainda não se sobressaí por serem tratadas como ponte de acesso a um público restrito.

Seguindo aos tempos atuais, agora em 2015, a Marvel em parceria com a Netflix, anunciou a produção da série Jessica Jones. A série já está completamente finalizada com seus 13 episódios e estreia este mês, no dia 20. Krysten Ritter dará vida a personagem e todo material indicado induz que a trama beberá intensamente das páginas dos quadrinhos – como você pode ver clicando aqui, em um artigo revisado. Hoje, não espero da série nada menos que a representação da mulher forte, independente e real, envolta de temáticas densas, profundas e realistas – afinal, você já sabe o que é ser realista dentro da ficção se já leu *este* outro artigo. E tenha certeza que isso é excelente para a cultura *nerd*!

Anexo 2- Carta Capital- Jessica Jones e a possibilidade de se enxergar em uma heroína

Como o seriado Jessica Jones ajudou a colocar o abuso em debate e fez surgir uma heroína com problemas reais tão representativa- por Aline Valek — publicado 03/12/2015 16h46, última modificação 03/12/2015 19h03

É fácil se enxergar como Jessica não só porque ela tem problemas reais, não usa um uniforme colorido e um nome engraçado. Já se foi o tempo em que se usava o argumento de não fazer histórias protagonizadas por mulheres porque “não dá audiência” ou porque “são ruins”.

Este ano tivemos Mad Max, uma das grandes franquias de ação no cinema, com Furiosa literalmente conduzindo a história; tivemos a última parte de Jogos Vorazes, a saga de uma jovem mulher desafiando o poder, sendo sucesso de bilheteria; e agora temos Jessica Jones, mais um acerto da Marvel e Netflix, provando que histórias com super-heroínas podem sim fazer sucesso e ter uma qualidade excepcional.

Fora do circuito de heróis mais famosos que enfrentam ameaças cósmicas, formam o grupinho de elite mais poderoso desse universo ficcional e ainda levam filmes com seus nomes, como Capitão América, Homem de Ferro, Hulk e Thor, há os heróis sem tanto prestígio tentando levar a vida e combater bandidos lá nas quebradas de Hell’s Kitchen, e que têm rendido histórias cheias de profundidade que podemos acompanhar em casa, na nossa TV, em vez de numa sala de cinema.

Um deles é o Demolidor, um advogado que abre uma pequena firma e, não bastasse a encrenca que isso por si só representa, ainda sai mascarado à noite para combater o crime, frequentemente levando porrada (e não é pouca não) de capangas do Rei do Crime.

Agora conhecemos Jessica Jones, uma investigadora falida que por acaso também tem super poderes. Assim como Matt Murdock, ela tem um humilde escritório em Hell’s Kitchen, mas as semelhanças param por aí. Diferente do “homem sem medo”, Jessica não é nada certinha: alcoólatra, rude, egoísta e capaz de escolhas moralmente questionáveis, “boa moça” é um atributo que passa longe dela.

A história do seriado é sobre essa personagem de vida atribulada – e super-força no nível parar-carro-em-movimento-com-as-mãos – enfrentando um dos vilões mais perigosos que já conheci: um ex abusivo com o poder de controlar mentes.

Depois de Kilgrave, nem Thanos, vilão que ainda vai dar trabalho para Os Vingadores, parece tão assustador. Kilgrave tem aparência inofensiva, se veste bem, é charmoso e educado, mas é um psicopata que não se importa em machucar e matar em nome de seus interesses. A sua maior motivação, no caso, não é o clichêzíssimo “dominar o mundo”, mas dobrar a vontade da única mulher que fugiu ao seu controle: Jessica.

Kilgrave é assustador porque é real. Tirando a parte do controle mental, claro (e o estranho gosto por ternos roxos), não é difícil achar caras com esse nível de obsessão por uma mulher, capazes de persegui-las, ameaça-las e tortura-las. Caras que usam seu poder numa relação para manter a mulher sob controle. Caras que não aceitam a rejeição e fazem de tudo para punir a mulher que lhes disse “não”.

A forma que Jessica o enfrenta – com a ajuda das outras mulheres da trama – ajudou a manter o tema do abuso no centro das discussões, em tempos de hashtags como #PrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto, que ganharam destaque e estimularam as mulheres a denunciarem violências que sofreram.

A cena em que Jessica fala com todas as letras que Kilgrave a estuprou, já que ela não consentiu em nenhum momento em ter relações com ele, é um bom exemplo disso. Na ficção e fora dela, as mulheres sinalizam para a impossibilidade de continuar em silêncio sobre esse tipo de violência.

Muito já se falou e se escreveu sobre como a primeira temporada de Jessica Jones é sobre abuso e controle. Cada texto que leio sobre a série acaba se tornando parte da experiência do seriado, porque eles ajudam a explorar a riqueza e maturidade de questionamentos da história, que acerta em cheio ao conseguir fazer com que a ficção dialogue tão intensamente com a realidade.

Essa é a prova de que preencher a ficção com mais diversidade (tanto em personagens, quanto em responsáveis por criar e produzir essas obras) vai muito além de dar espaço para as histórias contadas e protagonizadas por mulheres, negros, trans, lésbicas, pessoas fora do padrão

dominante; fazer isso é abrir a ficção para a possibilidade de ser maior, de conseguir, de fato, refletir o que somos e como nos relacionamos no mundo – ainda que coloquem alguns super poderes no meio.

A qualidade de Jessica Jones mostra que diversificar a ficção acaba resultando em subir o nível das produções, não só em visual e efeitos especiais, como em profundidade de conteúdo. Diversidade na ficção resulta em histórias mais humanas – e, conseqüentemente, mais divertidas, emocionantes, chocantes.

Em Jessica Jones tem heroína durona. Tem Trish, mulher sem super-poderes mas com a vocação para a heroína que Jessica não tem, mostrando outras facetas de “ser forte”. Tem mulheres sendo donas de seu corpo e de suas vidas sexuais. Tem advogada lésbica bem sucedida. Tem mulher salvando mulher. Tem heroína declarando amor não para o mocinho, mas para a melhor amiga. Tem a sensibilidade de Luke Cage, apesar de sua pele indestrutível.

Mas tem, sobretudo, Jessica e uma imensa identificação com ela. Porque se o Homem-Aranha, outro herói sem recursos e com problemas reais de adolescente, conseguiu inspirar gerações de leitores de quadrinhos que passaram a se identificar com ele por estar tão próximo de suas realidades, Jessica Jones segue o mesmo caminho de super-heroína “gente como a gente”.

É fácil se enxergar como Jessica não só porque ela tem problemas reais, não usa um uniforme colorido e um nome engraçado. Não é preciso muitos episódios para sacar que ela não é perfeita, mas talvez seja preciso um olhar mais atento a toda série para perceber que ela é uma personagem que não pode ser resumida a uma coisa só.

Porque sua história, por mais que tenha o abuso no centro da trama, não pode ser resumida a um seriado sobre abuso. Da mesma forma que ela não pode ser resumida como “forte” mesmo levantando com facilidade um homem do tamanho do Luke Cage, se ela também tem suas fraquezas – e não faz questão de esconder suas vulnerabilidades. Ela é uma mistura às vezes contraditória, e é justamente isso que a torna tão humana.

Sua recusa a aceitar o papel de heroína é de certa forma uma recusa a ser resumida. A se adequar. A ser “certinha”. A ser uma coisa plana, um rótulo, um estereótipo. E aí está o espaço para dar “match”, para nos identificarmos e sentirmos que Jessica nos representa.

Porque todos os estereótipos que por tanto tempo foram usados para tentar nos resumir e nos achatar de forma tão grosseira, acabaram nos deixando em segundo plano nas histórias, contando a mentira que somos todas iguais, roubando nossa profundidade e humanidade.

E que maravilhoso é ver que Jessica Jones tem super-força não só para combater vilões perversos, mas para entortar todos esses estereótipos, quebrar no meio e ainda arremessar contra a parede.

Porque se tem uma coisa que Jessica nos ensina, não é a dar socos e a voar (habilidade que ela definitivamente não domina); mas a firmeza em dizer que não, você não pode nos obrigar.

Então ela pode até não se enxergar dessa forma, mas ela é sim minha heroína.

Anexo 3- Jéssica Jones tem potencial para ser a melhor série do Netflix

20/11/2015 06h00 - Atualizado em 20/11/2015 06h00

Segunda série da parceria entre Netflix e Marvel, “Jessica Jones” estreia nesta sexta-feira (20) com a pressão de manter a qualidade de sua antecessora, “Demolidor”. Se depender dos sete primeiros episódios que assistimos, é possível dizer que não é apenas uma produção à altura, mas talvez o melhor produto original do site de vídeos sob demanda - e uma das melhores adaptações de quadrinhos dos últimos anos.

Ao contrário do que se poderia imaginar levando em consideração sua origem nas HQs, “Jessica Jones” não é uma série sobre super-heróis. A protagonista que dá nome à produção até tem um passado frustrado lutando contra o crime de collant colorido, mas logo no início desta primeira temporada já a encontramos enfrentando a dura vida de uma detetive particular na cidade de Nova York.

Entre maridos traídos e familiares desaparecidos, a personagem tem de encarar novamente o homem responsável pelos seus maiores traumas. Inspirada no arco final das HQs “Alias” (que nada tem a ver com a série protagonizada por Jennifer Garner nos anos 2000), a trama transforma uma boa ideia para a mídia original em algo genial para o formato Netflix.

Lembra dela?

Um de seus grandes trunfos recai sobre a atriz Krysten Ritter. Versada em papéis dramáticos, como sua participação em “Breaking Bad”, e em comédias como “Don't trust the b---- in apartment 23”, ela constrói uma Jones com evidentes cicatrizes psicológicas que afasta todos ao seu redor, mas perspicaz o suficiente para não se tornar uma perdedora completa.

Ela é acompanhada de um dos melhores elencos de personagens femininos dos últimos anos. Todas as personagens femininas da série são fortes e complexas sem parecerem forçadas.

Elas não se lamentam por causa de homens ou são donzelas em busca de proteção. Até mesmo Hope (Erin Moriarty), aquela que mais poderia se entregar à carapuça de vítima, se recusa a viver o papel estabelecido e resolve seus próprios problemas.

Seria fácil reduzir a série ao título de "feminista". Afinal, ela passa pelo teste de Bechdel -- aquele que pergunta se as mulheres de uma obra são seres de verdade ou se apenas servem de satélite para os homens -- como se fosse uma avaliação de pré-primário.

Mas “Jessica Jones” é muito mais do que isso. Sua narrativa com tons de noir envolve o público e passa a impressão de um longo filme dividido em 13 episódios -- um problema dos mais agradáveis para quem tem muitos planos neste feriado prolongado.

A coisa tá roxa

Grande prova do valor do roteiro está na construção do vilão. Kilgrave, o Homem Púrpura dos quadrinhos, representa uma ameaça constante e verdadeira à heroína. Mesmo renegado a pouco mais que sussurros nos primeiros capítulos, sua presença é sentida em todos os cantos escuros da sombria vizinhança habitada pela detetive.

Os poderes do personagem (vivido pelo ex-“Doctor Who” David Tennant), que pode controlar mentes e obrigar qualquer um a fazer o que quiser, poderiam parecer ridículos contra um Thor ou um Homem de Ferro, mas são desesperadores na atmosfera criada pela série.

Jones pode parar carros em movimento ou voar -- veículos em baixa velocidade ou “cair controladamente”, ok --, mas não tem experiência para lidar com um maníaco capaz de fazer com que pessoas parem de respirar apenas porque gostaria de comer em silêncio.

Que Tensão

A série também tem a obrigação de preparar o futuro da parceria Marvel/Netflix e não esconde suas pretensões desde o começo. Luke Cage, super-herói interpretado por Mike Colter (“The good wife”) que é o próximo a ganhar uma produção para chamar de sua, tem participação importante e apresenta uma química invejável com a protagonista. Nem as garras de um Wolverine conseguiriam cortar a tensão sexual presente em todas as cenas do casal.

A atual era de adaptações de quadrinhos para o cinema e para a TV por muito tempo sofreu com o estigma de clube do bolinha. “Agent Carter”, série da Marvel lançada em 2014, provou de forma competente que o público sempre esteve preparado para protagonistas femininas. Ela foi seguida por “Supergirl”, da DC, que no final de outubro levou a prima do Superman à telinha.

“Jessica Jones”, que tem o potencial de ser a melhor série da Netflix até o momento, prova que não é um cromossomo que determina um super-herói ou seu sucesso -- e tem tudo para sacramentar isso de uma vez por todas na cabeça dos estúdios.